



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

JOSÉ RODRIGO DA SILVA DANTAS

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2022**

JOSÉ RODRIGO DA SILVA DANTAS

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), *Campus IV*, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Ana Paula Lima Carneiro

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D192v Dantas, Jose Rodrigo da Silva.
A variação linguística nos livros didáticos de língua portuguesa: uma análise comparativa. [manuscrito] / Jose Rodrigo da Silva Dantas. - 2022.
68 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias , 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Ana Paula Lima Carneiro ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Livro didático. 2. Variação linguística. 3. Ensino. 4.
Língua Portuguesa. I. Título

21. ed. CDD 410.7

JOSÉ RODRIGO DA SILVA DANTAS

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA**

Aprovado em: 30/11/2022.

BANCA EXAMINADORA

Ana Paula Lima Carneiro

Orientadora: Profa. Ma. Ana Paula Lima Carneiro
UEPB - CCHA/DLH

Rafael José de Melo

Examinador: Prof. Dr. Rafael José de Melo
UEPB - CCHA/DLH

Rômulo Cesar Araújo Lima

Examinador: Prof. Me. Rômulo Cesar Araújo Lima
UEPB - CCHA/DLH

CATOLÉ DO ROCHA - PB
2022

Esta pesquisa é fruto de um trabalho árduo, que foi demorado para ser construído, mas com as graças de Nosso Senhor Jesus Cristo foi concluído. Foi de grande valia todo o apoio que recebi de minha família, sem ela com certeza o caminho seria muito mais difícil.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A palavra que define este momento é gratidão. Sempre carreguei em minha mente o versículo 2 do salmo 91: “Ele é o meu refúgio, a minha fortaleza e nEle confiarei”. Sou muito grato a **Deus**, por Ele sempre me ajudar e proporcionar momentos incríveis, como esse, o sonho de concluir uma graduação (sou o primeiro formado da minha família), também por Ele ser tão perfeito e sempre mostrar uma saída, dar ânimo, quando pensava que não iria conseguir.

Agradeço a meus pais, **Damião Dantas** e **Maria de Lourdes**, por sempre me apoiarem e estarem comigo nos momentos de alegria e dificuldade, as minhas irmãs **Maria Renata** e **Rita de Cássia**, por ficarem ao meu lado me ajudando sempre que preciso, e em especial meus avós maternos, **Almi Inácio** e **Severina Paixão**, os paternos, **Geraldo Valdivino** e **Beta Dantas** (*in memoriam*), por sempre acreditarem no meu potencial e pelo incentivo.

Foram momentos difíceis, de muito estudo, sempre buscando fazer tudo da forma mais correta, com muito esforço para me tornar um bom profissional da área, agora posso ver que valeu muito a pena tudo o que vivi nos anos da graduação. Nunca irei esquecer dos momentos de descontração com os colegas, das risadas, das parcerias, do “povinho da UEPB”, nome que o meu grupo recebeu, agradeço em especial a minha/parceira **Williana Costa**, que me fez muita raiva, mas também me acompanhou em vários trabalhos, como também **Karina Kelly**, **Mariele Mendes**, **Cícera Ferreira**, **Diana Gomes**, e todos os demais colegas que me acompanharam nessa jornada..

Gratidão aos meus amigos do Ônibus, que diariamente estavam comigo nessa jornada tão cansativa de locomoção, agradeço também ao motorista, **Joseilton** (Zito) que sempre fez o possível para não deixar os alunos faltarem por falta de transporte. Não poderia deixar de agradecer também a minha parceira do PIBID, **Cristiane Freitas**, pelas vezes que estive junto comigo nas aulas que ministramos na escola Luzia Maia. Agradeço também a coordenadora **Eliene** e a minha eterna supervisora do PIBID, **Lúcia Caetano**.

Obrigado à minha orientadora de TCC I, Profa. Ma. **Marta Lúcia Nunes**, por auxiliar-me neste trabalho, com competência e paciência. Não poderia deixar de agradecer também a minha orientadora de TCC II, Profa. Ma. **Ana Paula Lima**

Carneiro, pelo fato de sempre proporcionar momentos de grande aprendizagem. Agradeço a banca examinadora Prof. Dr. Rafael José de Melo e Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima, por todas as contribuições para a minha pesquisa.

Enfim, meu coração transborda de felicidade e gratidão por tudo e por ter conhecido pessoas maravilhosas nesse período da faculdade.

A língua é como um rio que se renova, enquanto a gramática normativa é como a água de um igapó, que envelhece, não gera vida nova a não ser que venham inundações.

(Marcos Bagno)

RESUMO

A presente pesquisa propõe uma análise comparativa de dois livros didáticos de Língua Portuguesa do sexto ano do Ensino Fundamental II, com o intuito de contribuir para um melhor processo de ensino/aprendizagem dos alunos. O conteúdo analisado é “variações linguísticas”, observando como o tema é abordado em cada um dos manuais de Língua Portuguesa. A pergunta que norteou esta pesquisa foi: os manuais didáticos abordam as variações linguísticas de modo adequado que gere um ensino significativo para os alunos? Esse trabalho tem como objetivo principal comparar dois livros didáticos de Língua Portuguesa no tocante ao trabalho com a variação linguística. Já os objetivos específicos são: descrever a forma como o conteúdo variação linguística é apresentado nos livros, objeto de estudo, verificando se a temática abordada nos livros didáticos contribui para a aprendizagem dos alunos. O método utilizado para realizar a pesquisa é o qualitativo documental, analítico, comparativo e o tipo da pesquisa é bibliográfica. Para fundamentar o trabalho, tivemos como base os estudos de Antunes (2006); Bagno (2015); Matta (2009); Rojo e Batista (2003); Silva (2009), dentre outros. Ao término da pesquisa, pôde-se observar que o livro didático “Português-linguagens” apresenta o conteúdo de forma mais contextualizada, em comparação com o “Projeto Araribá”, entrelaçando conceitos com os exercícios. No entanto, esse primeiro não permite que os discentes interpretem os textos trabalhados de forma mais significativa para que assim o ensino torne-se cada vez mais eficiente, levando-os a perceber o mundo de forma mais significativa e terem um posicionamento mais crítico quando tiverem alguma provocação sobre as variações linguísticas.

Palavras-chave: Livro didático. Variação linguística. Ensino. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This research proposes a comparative analysis of two Portuguese textbooks for the sixth year of Elementary School II, with the aim of contributing to a better teaching/learning process for students. The analyzed content is “linguistic variations”, observing how the theme is addressed in each of the Portuguese language manuals. The question that guided this research was: do textbooks address language variations in an appropriate way that generates meaningful teaching for students? The main objective of this work is to compare two Portuguese language textbooks in terms of working with linguistic variation. The specific objectives are: to describe the way in which the linguistic variation content is presented in the books, object of study, verifying if the theme addressed in the textbooks contributes to the students' learning. The method used to carry out the research is qualitative, documental, analytical, comparative and the type of research is bibliographical. To base the work, we had as base the studies of Antunes (2006); Bagno (2015); Matta (2009); Rojo and Batista (2003); Silva (2009), among others. At the end of the research, it could be observed that the Portuguese-languages textbook presents the content in a more contextualized way, in comparison with the Araribá Project, intertwining concepts with the exercises. However, this first one does not allow students to interpret the texts worked on in a more meaningful way so that teaching becomes increasingly efficient, leading them to perceive the world in a more meaningful way and to have a more critical position when they have some provocation about linguistic variations.

Key words: Textbook. Linguistic variation. Teaching. Portuguese language.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	14
2.1 Presença do livro didático nas aulas de Língua Portuguesa.....	14
2.2 A importância da variação linguística na sala de aula.....	20
3 ANÁLISE COMPARATIVA.....	26
3.1 Livros didáticos objetos da análise: estrutura e concepções.....	26
3.1 A variação linguística nos livros didáticos: estudo comparativo.....	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
5 REFERÊNCIAS.....	48
ANEXOS.....	50

1 INTRODUÇÃO

O português é a língua oficial do Brasil, apresentando uma estrutura bem organizada, mas que não é fielmente igual à que Portugal utiliza, apresentando variações próprias. Nesse sentido, é perceptível que a língua por se tratar de um sistema linguístico “vivo” apresenta variações dependendo do lugar, do nível de escolaridade do falante, o nicho de determinada formação superior, entre outros. É por esse fato que se torna indispensável a preocupação e o aprimoramento desse tema que permeia a vida das pessoas e que precisa ser encarada de frente, tanto o professor quanto a instituição de ensino tem o dever e a obrigação de discutir a questão da variação linguística da Língua Portuguesa, no âmbito dos planejamentos das aulas e da escola.

A aula de Língua Portuguesa hoje ainda é muito pautada no ensino da gramática normativa, sendo utilizadas diferentes formas (através de textos, tirinhas, entre outros gêneros textuais) para explicar o conteúdo trabalhado. Ainda fica a desejar a interpretação do texto, pois o ensino da gramática assume quase todo o exercício sobre determinado assunto. Já o livro didático assume em sala de aula um papel muito significativo, pois, além de ajudar os alunos com os estudos, é também uma forma de levar aos professores novos conteúdos e eventuais atualizações. É de suma importância a atualização dos livros didáticos porque através dele se pode ter uma melhor qualidade no ensino/aprendizagem. O ensino das variações linguísticas é imprescindível para o currículo escolar do discente e também para a sua vida em sociedade, por meio desse tema é que se pode levar as pessoas a viverem realmente em harmonia, sem o preconceito existente entre alguns falantes da norma culta em relação aos que não têm esse domínio.

Sob essa lógica, levantamos os seguintes questionamentos: os manuais didáticos dos anos finais do Ensino Fundamental abordam as variações linguísticas de modo adequado que gere um aprendizado significativo para os alunos? O livro didático mais atual aborda o conteúdo de variação linguística da mesma forma que o mais antigo? É imprescindível que haja esse cuidado com o ensino das variações linguísticas pelo motivo de ser um conteúdo que está diretamente ligado ao dia a dia do estudante, e é um tema que deve ser explicitado de forma a levá-los a refletir sobre a língua.

Para tanto, o objetivo geral desta pesquisa científica é comparar dois livros didáticos de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental no tocante ao trabalho com a variação linguística. Já os específicos são: descrever a forma como o conteúdo variação linguística é apresentado nos livros objeto de estudo; verificar se a temática da variação linguística abordada nos livros didáticos contribui para a aprendizagem dos alunos.

Esta pesquisa é uma análise comparativa entre dois livros didáticos distintos, Português – “Projeto Araribá”, da 5ª série, editora Moderna, organizado por Aúrea Regina Kanashiro, foi publicado em São Paulo, no ano de 2006. O manual “Português – Linguagens”, do 6º ano, foi publicado pela Editora Atual no ano de 2014, e tem como organizadores William Roberto Cereja e Thereza Magalhães. Utilizamos esses dois manuais didáticos para observar como as variações linguísticas são abordadas em cada um. A presente pesquisa foi desenvolvida a partir de um estudo de caráter qualitativo e documental, com base em uma pesquisa bibliográfica, que foi laborada a partir de materiais já publicados, de vários autores da área, os quais abordam o tema em questão, onde os mesmos forneceram subsídios teóricos para a fundamentação da temática em questão. Tem como teóricos pertinentes: Antunes (2006) e Silva (2009) que tratam das metodologias do ensino de Língua Portuguesa, Bagno (2015) que tem estudos voltados para a questão das variações e do preconceito linguístico, Rojo e Batista (2003) que pesquisam sobre o manual didático e Matta (2009) que tem um vasto estudo no campo linguístico, voltado em especial para as questões da língua e os livros didáticos a serem comparados.

A referida pesquisa justifica-se e torna-se importante para o meio acadêmico pelo fato de apontar possíveis inadequações no que se refere a temática da variação linguística nos livros didáticos, e também para contribuir com as futuras edições desse conteúdo que é muito importante para desconstruir pensamentos equivocados sobre o mesmo, e que deve ser estudado de forma mais aprofundada. No campo social, se faz necessária a discussão para que os futuros livros e professores possam tratar esse tema de forma mais apropriada e que proporcione a desconstrução do preconceito linguístico que ocorre entre alguns falantes da língua, e que o ensino gere de fato um significado para quem estuda.

A análise comparativa entre livros didáticos publicados anteriormente é determinante na forma de ensino dos professores e aprendizagem dos alunos, pois

as variações linguísticas regionais são regras internalizadas no modo de falar da população que muitas vezes são difíceis de serem mudadas. Nesse sentido, não se pode afirmar que existe um modo único de se compreender a língua, mas sim uma performance do professor em elaborar suas aulas, levando o aluno a perceber que a língua que ele estuda é a mesma que circula em seu meio social. A importância de que toda a comunidade educacional leve o aluno a refletir e pensar as multiplicidades de usos e de funções que a língua se presta, na variedade linguística em que acontece.

A pesquisa encontra-se organizada em dois capítulos. No capítulo intitulado “A variação linguística nos livros didáticos de Língua Portuguesa”, apresenta-se de forma bem explícita a questão da variação linguística e o livro didático, abordando a importância que o livro didático assume em sala de aula, auxiliando o docente e o discente. Em seguida é abordada sobre a variação linguística em sala de aula, explicitando que é necessário intensificar esse tema em sala de aula, para que os alunos possam entender de forma mais aprofundada e que leve os mesmos a aprender o conteúdo de maneira que gere um significado real para a vida estudantil e no cotidiano também.

Propomos por meio desta pesquisa que o tema da variação linguística deve ser mais discutido em sala de aula independentemente das atividades sobre ele no manual didático para que o aluno consiga perceber e valorizar o “diferente”, e assim desconstruir o preconceito existe entre alguns falantes da língua que se acham superiores por conseguirem dominar a norma culta da gramática da Língua Portuguesa.

O capítulo intitulado “Análise comparativa” foi dedicado a análise de fato, primeiro de forma individual, observando cada livro, os textos e exercícios propostos. Discutimos acerca de como o assunto é transmitido para o aluno, se ele está sendo apresentado de maneira que leve o aluno a pensar mais criticamente a respeito do tema. Em seguida comparamos os aspectos da temática nos dois livros didáticos, “Projeto Araribá” e “Português-linguagens”, observando se houve mudança no tocante ao conteúdo voltado às questões sociolinguísticas.

2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

2.1 Presença do livro didático nas aulas de Língua Portuguesa

No Brasil, desde a sua implementação pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), nos diversos sistemas educacionais, sejam eles, privados ou públicos, o manual didático tem adquirido muita importância tanto para os professores quanto para os alunos, pelo fato de “guiar” as aulas e o ensino/aprendizagem dos estudantes. O livro didático é bastante utilizado nas salas de aula brasileiras, muitas vezes tornando-se o único material utilizado pelos professores, que por falta de tempo, ou/e outros fatores sociais, não conseguem pesquisar outra forma de ministrar aula que agregue mais conhecimento para os alunos. De acordo com Ota (2009):

O LD ocupa um espaço reconhecidamente considerável, seja sendo utilizado diretamente pelo aluno ou como material de consulta pelo professor que, mesmo adotando determinado livro didático, comumente, recorre a outros para esclarecer dúvidas e colher sugestões (OTA, 2009, p. 216).

Por esse motivo de auxiliar é que o LD (livro didático) assume o papel de auxiliar o professor nas aulas de Língua Portuguesa, e assim tornar o ensino mais significativo e com o recurso que leva o aluno a aprender melhor e ter o direcionamento mais adequado em sua jornada escolar, sendo no Ensino Fundamental ou no Médio. É fundamental esse contato com o LD para que o discente possa perceber que o LD o ajudará durante sua jornada escolar, visto que é um material que o acompanha durante todo o ano letivo, se não ao longo do estudos durante toda a Educação Básica e termina sendo responsável por apresentar para o professor a evolução que acontece constantemente na educação.

Assim como nas outras disciplinas do ensino básico, a de Língua Portuguesa também é agraciada com o manual do livro didático, sendo utilizado por vários professores. Nas aulas de Língua Portuguesa é justamente o LD quem vai auxiliando o educador a proporcionar o ensino para os educandos, mas ao mesmo tempo que ensina os alunos, os professores acabam também revisando aquele conteúdo que

estudaram na época da graduação, pois é perceptível que a língua materna passa por mudanças e por isso os professores devem procurar se atualizar diante da nova “maneira” que um determinado assunto é apresentado na atualidade. Na sala de aula e na instituição de ensino, o LD assume um papel de grande relevância, sendo uma porta que liga os novos estudos aos professores que podem ainda não os conhecerem, conforme Rojo e Batista (2003):

O livro didático como o único mediador entre a produção científica e a escola. O professor, que também como mediador, assume o papel de “aluno” dos livros didáticos, que estão assumindo a função de livros teóricos, responsáveis pela formação dos professores (ROJO; BATISTA, 2003, p. 312).

Nessa perspectiva, o LD se torna muito importante para o desenvolvimento das aulas de Língua Portuguesa, sendo o material que norteia o trabalho que o professor irá realizar em sala para proporcionar novos aprendizados e conhecimentos para os alunos e também acaba sendo um novo meio formador do professor. Mas não é porque existe esse guia didático que o professor não deve buscar outros livros e não buscarem outras fontes de conhecimentos para agregar aos seus e que já são abordados no LD.

O professor enquanto educador deve despertar em seus alunos o interesse pela construção do conhecimento de forma ativa e da pesquisa, pois é justamente ele quem vai proporcionar ou não esse momento para os alunos, não tomar como únicas abordagens apresentadas pelo livro, mas ir além, buscando novas fontes de estudos, tais como a *internet*, notadamente em sites confiáveis, e em outros meios que possam abordar o assunto de forma mais aprofundada.

Em grande parcela, os livros didáticos sozinhos, isolados de outros tipos de materiais didáticos não conseguem atrair ou despertar o interesse do aluno e também a vontade de sempre buscar novas informações sobre algum assunto abordado em sala de aula. Desse modo, é imprescindível que os livros didáticos sejam elaborados justamente com o intuito de provocar o espírito de pesquisador nos alunos. É perceptível que o ambiente escolar ainda é muito ligado ao “ensino padrão”, o qual prioriza um determinado conteúdo sem o contextualizar com a realidade do aluno, ou a língua em seus contextos de uso, assim sendo, é papel do professor promover essa

“ponte” entre o conteúdo é o seu uso real no dia a dia, através dos gêneros textuais discursivos.

O livro didático de Língua Portuguesa acumula em sua história de uso, desde que foi criado em 1934, críticas benéficas e outras que não são tão favoráveis ao seu emprego como modelo no ensino. Essa análise referente ao LD é muito importante para qualquer instância de ensino, pois é justamente assim que a educação pode se renovar e proporcionar um melhor processo de ensino/aprendizagem para todos os alunos. É evidente a preocupação que o Ministério da Educação assume referente a criação do livro didático de Língua Portuguesa através do PNL, por sempre procura abordar vários assuntos diferentes, sejam eles no campo da gramática normativa, sejam nos gêneros textuais, da interpretação ou na escrita.

Nas salas de aula da atualidade, o livro didático ainda é um dos principais materiais que norteiam todo o trabalho do professor e é o caminho que os estudantes percorrem para estudar os assuntos que fazem parte do currículo escolar. Por esse motivo é indispensável que o livro didático de Língua Portuguesa, assim como de outras disciplinas, passe por constantes reformulações para que assim possam tornar-se mais adequados às aprendizagens dos alunos e consiga atingir seus objetivos, pois assim os alunos irão absorver desenvolver o seu conhecimento.

Um ponto que não aparenta ser positivo no livro didático de Língua Portuguesa é referente ao trabalho com a interpretação de textos que está nele. Geralmente, os textos que são abordados no livro didático de Língua Portuguesa são utilizados como pretexto para estudar a gramática normativa. Vez ou outra ficam de fora os aspectos semânticos, pragmáticos, etc. no ensino da gramática da Língua Portuguesa, o texto muitas vezes é um mero coadjuvante, pois é utilizado em algumas situações como instrumento para o estudo de assuntos gramaticais, sem considerar a relevância real que o texto tem para a aprendizagem do aluno. Ele diz muito dos discursos que circulam em sua erupção.

Os gêneros textuais abordados nos livros didáticos de Língua Portuguesa devem ser estudados de forma apropriada e que levem os alunos a entenderem de fato o que o texto apresenta em sua essência, não somente estudar conceitos da estrutura gramatical, pois esta é apenas a forma, da estrutura da língua. A partir do momento que não se dá a devida importância que o texto possui, o ensino torna-se insuficiente, sem uma interpretação significativa para o aluno. É preciso frisar que

existem diversos tipos de gêneros textuais discursivos que podem contribuir bastante para o ensino da língua materna, se os mesmos forem estudados de maneira adequada, permitindo que o aluno reflita sobre a língua, pensando sobre certas construções linguísticas, levando sempre em consideração a situação comunicativa e os interlocutores de determinado texto. Sobre os gêneros textuais, Bezerra (2007) afirma:

Qualquer contexto social ou cultural que envolva a leitura e/ ou a escrita é um evento de letramento; o que implica a existência de inúmeros gêneros textuais, culturalmente determinados, de acordo com as diferentes instituições e usados em situações comunicativas reais. Sendo culturalmente determinados, os gêneros textuais não são aprendidos e usados por todos: aqueles que são rotinizados por grupos sociais influentes não chegam à população em geral, há os mecanismos sócio-políticos e ideológicos de controle dos recursos materiais e simbólicos (BEZERRA, 2007, p. 40).

Assim é, necessário que a instituição de ensino proporcione um evento de letramento adequado para os discentes, isso ocorre se o ensino partir do texto, e é justamente o ato de ler e escrever que promove este evento. De acordo com o que a autora aponta, os gêneros textuais são diversificados e que representam culturalmente um grupo social ao qual pertencem, o ensino desses textos é diferente, pois alguns que são produzidos nas camadas sociais mais favorecidas podem não gerar uma aprendizagem nas demais que não os conhecem. É importante que sejam estudados em sala de aula os mais variados gêneros textuais, não adianta expor um tipo de texto que não o aluno a entender a mensagem que o mesmo apresenta, o manual didático e o professor devem levar os discentes a terem contato com um número significativo desses gêneros.

É preciso repensar o modo como nas aulas de Língua Portuguesa têm pautado o ensino e estudo dos gêneros textuais, para assim proporcionar ao aluno uma melhor compreensão do texto, e isso reflete também no que diz respeito ao ato ler e escrever de forma mais proativa. Sem esse olhar mais reflexivo, os alunos podem não desenvolver essas competências que são exigidas não somente na escola, mas também durante toda sua vida. Acerca desse posicionamento Lajolo (2000) destaca:

[...] lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela (LAJOLO, 2000, p. 07).

Nos dias de hoje se faz muito importante começar a mudar o estilo tradicional de ensino na área dos textos literários, abandonar aquele modelo arcaico que predomina apenas o ensino mais voltado ou apenas da gramática normativa. Usar o texto apenas como instrumento para se analisar um sistema maior (gramática) não leva o aluno a pensar e ver o mundo de forma mais crítica. É necessário que o professor em seu papel principal que é o de transmitir conhecimento, possa observar e a mudar as suas estratégias de ensino, para que assim, com os auxílio dos gêneros textuais possam levar os seus discentes a aprofundarem-se na leitura e na interpretação do texto, e desse modo tornar o processo de ensino-aprendizagem muito mais significativo e que transforme o modo do aluno perceber os gêneros textuais, que por vezes pode não ser bem entendido por parte dos discentes.

No que se refere aos textos literários, Rojo e Batista (2003, p. 315) afirmam que: “A leitura literária, em geral, é tratada apenas como pretexto para a realização de outros objetivos pedagógicos”. Dessa forma, muitas vezes, a leitura do texto literário é feita de forma muito subjetiva, sem considerar de fato com o conteúdo expresso no texto, mas sim com os aspectos gramaticais que este carrega em sua estrutura. E o papel do professor é de suma importância ao elaborar propostas de atividades de reflexão sobre a língua através de situações reais de comunicação, momento em que o aluno pode refletir acerca da construção dos textos, levando em consideração os contextos de produção e os interlocutores, ou seja, por meio de atividades que não se limitam a abordar nomenclaturas, classificação e transcrição. Isso contribui para despertar o desejo de interpretar de forma mais significativa as múltiplas significações do texto e a capacidade de o aluno construir novos significados a partir de sua experiência de mundo.

Na atualidade, o manual didático tem sido muito bem divulgado pelas editoras que os produzem, pois é a maior venda que elas fazem devido à grande demanda existente no país pelo fato de terem várias escolas e também um grande número de alunos matriculados que necessitam desse material para estudar. Sendo esse mercado tão atrativo, o livro didático assume uma posição mercadológica.

Essa posição pode se transformar num mero objeto, usando certos artifícios para conseguir ser o escolhido pelos professores, muitas vezes utiliza brindes ou facilidades para que os docentes escolham essa determinada editora. Discutir esse ponto é necessário, pois, assim, o ensino será “encarado” com mais seriedade, desconstruindo esse pensamento mercadológico, Silva (2012) destaca:

[...] a vitalidade do setor editorial no Brasil se deve à compra de grandes quantidades de exemplares pela Fundação de Assistência ao Educando (FAE), órgão do Ministério da Educação (MEC), através do PNLD. Os livros didáticos, impulsionados sobretudo pelo PNLD, são responsáveis por sessenta por cento de todo o faturamento da indústria livreira no Brasil (SILVA, 2012, p. 810).

É nesse aspecto que as editoras de livros, não só as dos livros didáticos, resolveram investir nesse mercado editorial, por conseguinte os seus faturamentos serão bem mais altos, tornando-se um mercado muito mais atrativo por conseguir vender um número muito elevado de exemplares. Com isso, muitas vezes os professores são induzidos a escolher materiais (livro didático) que não satisfazem o real ensino que os alunos necessitam em sua jornada da Educação Básica, não contemplando a classe estudantil como um todo. Muitas vezes permite que alguns aspectos culturais de uma região se sobressaiam sobre as demais.

Essa realidade é muito percebida nos livros didáticos de Língua Portuguesa, pois em muitas situações são retratadas as vivências e as realidades das regiões consideradas mais privilegiadas economicamente. Pode-se observar nos textos presentes no livro didático que geralmente são escritos por autores renomados da literatura, muitos da região Sul ou Sudeste do Brasil, por isso, muitas vezes, os alunos da região nordeste e/ou outras regiões menos prestigiadas não conseguem absorver determinado contexto que o tema retrata, isso porque não faz parte de sua realidade significativa.

Portanto, é importante a pesquisa que prestigia o livro didático para que este possa estar sempre se renovando. Dessa forma, os seus organizadores e editores devem entender que esse material irá ser utilizado em vários lugares, por um alunado muito diversificado, com experiências e vivências completamente diferentes umas das outras. Essa renovação é possível pelos avanços nos estudos de alguns assuntos que

ano a ano vai se consolidando e buscando novos conceitos que possam contribuir com um melhor ensino nas escolas.

2.2 A importância da variação linguística na sala de aula

O Brasil tem uma imensa dimensão territorial, sendo até considerado um país continental, por sua extensão territorial, sendo constituído por um vasto território e dividido em várias regiões. Assim sendo, fica perceptível as heterogeneidades existentes no país, não somente na questão cultural, sendo considerada pluralizada, mas também na língua oficial que sofre variação em todas as regiões.

A nossa língua materna possui diversas variações que ocorrem de forma particular em cada localidade. Muitas vezes essas variações sofrem algum tipo de preconceito, uma em relação a outra, mantendo uma espécie de superioridade. É justamente essa ideia de “superioridade” que causa o preconceito linguístico entre os falantes da língua. Na Língua Portuguesa esse assunto é compreendido por variações linguísticas, que se detêm a mostrar que a língua se divide em alguns segmentos que dependem das pessoas que a usam, do seu grau de escolaridade e o lugar em que as pessoas moram.

Com essas variações que ocorrem em todo o país, surge um problema que até poucos anos atrás não era muito discutido, que é o preconceito linguístico, esse que como qualquer outro tipo de preconceito deve ser banido da sociedade. Marcos Bagno vem tentando incessantemente combater o preconceito linguístico, que se não for corretamente tratado pela sociedade e também pela comunidade escolar, pode continuar a existir. O referido pesquisador busca explicar e mudar esse pensamento tão errado sobre o preconceito linguístico, o mesmo já escreveu bastante sobre essa temática, publicou os livros: *A Língua de Eulália* (2010), *Preconceito linguístico* (2015), e neles reflete que a Língua Portuguesa tem a possibilidade de abranger muitas variedades, visto que esse processo de linguagem só acontece de acordo com a participação humana e é nítido que os seres humanos não são iguais, por isso existem diversas variedades na língua.

Nesse contexto, a escola torna-se um dos principais meios para que esse tipo de preconceito deixe de existir ou pelo menos leve os alunos a refletir a respeito desse assunto que se faz tão presente na vida das pessoas e da sociedade em geral, pois

afeta diretamente a vida do falante da Língua Portuguesa. A escola assumindo esse papel primordial necessita também do compromisso e dedicação do professor de Língua Portuguesa, pois é ele quem vai mediar diretamente a relação entre o aluno e os conteúdos. Nessa perspectiva, é em sala de aula que os estudantes irão ter o contato com esse tema e se sensibilizar em relação a ideia do preconceito linguístico.

É muitas vezes nesse ambiente de estudo que o processo do preconceito linguístico acontece, muitas vezes, o ensino é focado na gramática normativa, que é mais fechada e exclui tudo aquilo que não considera correto de acordo com as suas regras e concepção estruturalista. Desse modo, tudo o que não se enquadra nesse modelo é desconsiderado ou refutado.

O papel do professor é imprescindível nessa desconstrução do preconceito linguístico, é justamente ele quem vai mostrar aos alunos que é importante conhecer não somente a norma culta da língua, mas também todas as suas variações. Dar a oportunidade de os discentes estudarem as variedades menos prestigiadas e também valorizá-las.

O que se faz mais importante não é analisar o que está fora do contexto da norma padrão, mas sim ressaltar que na modalidade falada, a língua pode ser utilizada em sua forma não padrão, a situação vivenciada é quem vai definir a forma mais adequada de falar do sujeito. A aula de Língua Portuguesa ainda é bastante ligada a gramática normativa, desse modo, a língua torna-se muito superficial, mecanizada, tudo o que não se enquadra nesse perfil é considerado errado ou inadequado, contrapondo a isso, Silva (2009) destaca:

Parece que o objetivo da grande maioria das aulas de português é formar professores de língua, pois a tradição escolar costuma separar as ocorrências linguísticas em dois grupos: as certas e as erradas. Tudo o que foge às normas gramaticais fixadas é considerado erro. Essa divisão é tão forte que os falantes, de modo geral, carregam uma insegurança no uso da linguagem (SILVA, 2009, p. 42- 43).

Nesse sentido, a escola assume muitas vezes o papel de apenas repassar conhecimentos sobre a gramática, muitas vezes, levando os alunos a abandonarem as suas formas de linguagem verbal. Dessa forma, tudo o que não faz parte da gramática normativa é desvalorizado no ambiente escolar. Essa desvalorização de algumas variações linguísticas também está presente em livros didáticos de Língua

Portuguesa, este que por vezes não considera as variações ocorridas na língua oficial, a língua materna do país. Quase sempre se preocupa em apenas adaptar a variação para a norma culta da Língua Portuguesa.

A sala de aula nunca será homogênea no que diz respeito aos alunos, eles não são iguais, podem até terem algo semelhante, mas nunca totalmente idênticos. É imprescindível ter o respeito pelos conhecimentos prévios que os alunos possuem e também as formas que cada um tem de utilizar a língua. Ao levar em consideração essa heterogeneidade que as salas de aulas possuem, é indiscutível a importância de o professor trabalhar os mais variados temas, de relevância para os alunos e para toda a comunidade escolar. Dessa forma, as aulas se tornarão bem mais interessantes e conseqüentemente a participação e a atenção dos alunos serão bem maiores.

No campo do ensino de Língua Portuguesa se faz muito importante abordar temas que são muito relevantes para a vida dos alunos, às vezes, mais que a gramática em si, pois esta se não for estudada apropriadamente não gera nenhuma significação para a vida de quem a estuda. Essa mudança de postura é primordial para propiciar uma melhor qualidade no ensino/aprendizagem dos discentes, além de promover uma melhor visão de mundo, de tudo o que está ao redor dos mesmos, e desse modo, fortalecer a forma com o trato da gramática normativa, demonstrando que é possível compreender de fato a sua finalidade no ensino da língua materna.

É importante frisar a importância de desenvolver a criticidade nos alunos, por isso, assim como afirma Antunes (2006), tão quanto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino deve ser pautado em textos, utilizando-os de forma mais significativa e possibilitar uma boa interpretação, não aquela que se fundamenta na transcrição de partes do texto, mas a que ajuda o aluno a construir os significados inerentes ao texto. Conforme destaca Antunes (2006):

Se o texto é o objeto de estudo, o movimento vai ser ao contrário: primeiro se estuda, se analisa, se tenta compreender o texto (no todo e em cada uma de suas partes-sempre em função do todo) e, que se chegue a essa compreensão, vão-se ativando as noções, os saberes gramaticais e lexicais que são necessários (ANTUNES, 2006, p. 110).

O professor deve utilizar o texto para explicar os conteúdos, levando os alunos a entenderem e interpretar os sentidos do texto, pois a obra não apresenta somente elementos da gramática em sua estrutura, possui também significado que deve ser analisado, e depois sim, fazer uma análise abordando o conteúdo gramatical de fato, para que assim o discente possa entender a gramática em seu uso. Não se deve utilizar o texto apenas como um pretexto para ensinar determinado conteúdo, pois assim não geraria um significado para os alunos.

Um grande equívoco ocorre quando a língua é estudada apenas em seus aspectos gramaticais, pois aquela é um sistema muito mais amplo que está evoluindo e se reinventando sempre, criando novos modos de falar e até mesmo gírias, enquanto esta é apenas um conjunto de regras que regem a nossa escrita padrão. De acordo com Bagno (2015), muitas vezes, o preconceito linguístico ocorre pelo motivo de existir uma distância entre o “português” imposto pela gramática normativa e os vários modos de falar encontrados na sociedade. Dessa forma, é crucial fazer a distinção entre a língua e a gramática, pois são dois sistemas diferentes, enquanto a língua é mais social, admitindo mudanças e variações com o passar dos anos, a gramática é “fechada”, com a missão de abranger os termos a constitui.

Essa concepção é bastante errônea, pois como em uma cultura, que possui diferentes costumes e crenças, a língua materna brasileira também tem essa característica de variar de uma região para a outra, além de sempre estar criando novos signos linguísticos. A língua falada não deve ser entendida como a gramática normativa, porque esta é um conjunto de regras que compõe um sistema maior: a língua em sua forma estrutural.

Outro equívoco na aula de Língua Portuguesa diz respeito a questão do “erro”, a Língua Portuguesa é bastante rica em variedades, vale salientar que a gramática é única para todas as situações, pelo fato de ser um sistema de regras um pouco complexo, porém, a maneira que é falada é bem variada. Portanto, o professor precisa ter bastante cuidado ao abordar a questão do “erro” nas aulas de Língua Portuguesa.

Silva (2009, p. 62) esclarece: “Um professor, ou futuro professor, de língua materna deve ter bem clara a noção do erro, que possui dois pontos de vista: o científico (linguístico) e o sociocultural”. Sendo assim, o professor não deve se deter apenas em apresentar para os alunos o que está “errado” do ponto de vista da gramática normativa em determinado texto que representa uma variação linguística,

mas explicitar a importância de valorizar as variações e não as reprimir pelo fato de não atender a forma como a gramática concebe.

O “errado” e o “certo” não devem se tornar uma questão crucial em sala de aula, o professor deve saber ou pelo menos ter uma noção a respeito dos aspectos linguísticos da língua materna, para não cometer um engano e levar os alunos a não terem interesse de fato pela aula ministrada. A repressão referente ao modo que o aluno fala durante a aula pode gerar algum tipo de repulsa e conseqüentemente atrapalhar o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem do aluno e também um certo desconforto na relação professor/aluno.

A sociedade vive constantemente lutando contra os mais variados tipos de preconceitos, sejam eles de raça, de etnia, de gênero, entre outros, mas deixa de lado um que pode ser ainda mais excludente, como qualquer um desses citados, que leva muitas vezes pessoas que têm um nível de conhecimento maior a discriminarem as que não possuem esse domínio, gerando assim o preconceito linguístico, conforme Bagno (2015):

[...] O que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, dos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e partes dos livros didáticos disponíveis no mercado (BAGNO, 2015, p. 21-22).

No cotidiano, o que mais vemos são os exemplos de preconceito linguístico, muitas vezes eles partem dos meios de comunicação. Alguns sistemas de televisão são tão preconceituosos que tentam mudar até os sotaques das pessoas que compõem o canal, chegam a ofertar cursos para ensinar os contratados a falarem “correto”. A escola pode tentar reverter esse quadro tão preocupante, abordando de forma bem aprofundada esse tema, levando os alunos a entenderem que existe mais de uma maneira de falar e que devem respeitar todas as variações existentes.

Os meios de comunicação muitas vezes são os maiores propagadores do preconceito linguístico, pois preferem manter os profissionais com a linguagem de acordo com a gramática normativa. Em outras situações pode ocorrer também a desvalorização do profissional que não usa a norma padrão, assim não dando espaço para a variedade linguística menos prestigiada. É desse modo que o preconceito

linguístico é apresentado em sua forma mais cruel, deixando de fora quem não atende ao modelo de fala que acompanha a gramática normativa que representa um enorme prestígio na sociedade.

É evidente que um dos lugares mais propícios para o tratamento desse tipo de discussão é na escola. Nesse ambiente, os alunos irão aprender que a Língua Portuguesa não é uma “caixa fechada”, pois ela apresenta diversas variações, e é muito importante que o aluno enquanto ser pertencente à sociedade saiba respeitar e compreender esse tema. Dessa forma, o professor enquanto educador assume o papel de tratar o tema do preconceito linguístico, é no meio escolar que os alunos vão desconstruir esse preconceito que atinge principalmente os falantes mais simples e que não têm muita habilidade com a norma culta e com a gramática normativa da língua.

Vale ressaltar que, de acordo com a sociolinguística, toda variação linguística é legítima, pois a Língua Portuguesa passa por mudanças frequentes, as quais palavras podem surgir para substituir outra que já não é mais utilizada. Por esse fato não se deve desvalorizar quaisquer que sejam as variedades que existem na língua portuguesa, pois o que hoje é visto como inadequado, depois pode ser considerado adequado, torna-se comum e compartilhado por todos os falantes da língua.

3 ANÁLISE COMPARATIVA

3.1 Livros didáticos objetos da análise: estrutura e concepções

De início, é necessário tratar dos dois manuais didáticos (“Projeto Araribá” e “Português-linguagens”), pois os mesmos são a base da pesquisa e sem o contato com eles não seria possível o estudo. Os dois foram escolhidos devido a disponibilidade, pois é sabido que é difícil encontrar livros didáticos em estoque nas escolas, geralmente são comprados para suprir a demanda dos alunos, e foi possível conseguir os livros pelo fato de ambos não serem mais usados em sala de aula, e por esse fato tornou-se mais fácil o acesso.

O livro didático Português – “Projeto Araribá”, objeto de análise, trata-se de um livro da quinta série do Ensino Fundamental II. Foi publicado pela editora Moderna, tem como editora responsável Aúrea Regina Kanashiro. Esse livro foi publicado em São Paulo no ano de 2006, mas apenas em 2008 foi escolhido como material didático pelo Ministério da Educação, sendo o mesmo utilizado até o ano de 2010.

O livro didático que vai ser analisado ainda pertence à antiga nomenclatura (série) da Educação Básica, mas foi modificado pelo Senado Federal em janeiro de 2006, e sancionado pelo presidente no mês seguinte do mesmo ano. Com essa mudança, passou-se a adotar a nomenclatura “ano”, durante todo o ensino Fundamental¹.

O manual didático objeto de estudo “Projeto Araribá” encontra-se dividido em oito capítulos, em cada um é abordado todos os temas que é preciso ser estudado na disciplina de Língua Portuguesa, em cada conteúdo é englobado a leitura, interpretação de texto, produção de texto e estudo da língua, esse esquema se repete em todos os capítulos.

Esse livro faz parte do “Projeto Araribá”, da editora já citada e apresenta uma base muito resumida no tocante ao que se refere à variação linguística. A capa do livro (anexo 1²) é bastante sugestiva e interessante, pois apresenta em predominância

¹ Informação disponível em: <<https://canaldoensino.com.br/blog/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-novo-ensino-fundamental#:~:text=De%20forma%20resumida%2C%20o%20que,terceira%20e%>>>. acesso em: 30 de abril de 2021.

² O livro “Projeto Araribá” (manual do aluno) analisado não tem capa, por esse motivo, no anexo 1, utilizamos uma imagem ilustrativa (manual do professor) retirada do *google* imagens.

a cor vermelha, que é chamativa e também uma imagem, bem no centro da capa. Esses elementos podem chamar a atenção dos alunos, levando-os a despertar o interesse e a curiosidade pelo conteúdo presente no livro didático.

É importante destacar que esse primeiro manual didático (“Projeto Araribá”), pelo fato de ser um material um pouco antigo, não usa ainda o nome do assunto conhecido como variação linguística. Nesse livro é tratado como “variedade e registro”, mas apresenta o mesmo conteúdo, mesmo sendo de maneira muito resumida. O conteúdo é introduzido da forma que Antunes (2006) sugere, partindo do texto para chegar nos conceitos. No entanto, é possível perceber que o texto ainda é utilizado como pretexto para estudar o assunto gramatical, e contrapondo o que a referida autora aborda em seus estudos.

O assunto de “variedades e registro” é iniciado com um texto (anexo 2), aborda primeiro a variedade padrão, adota um texto como exemplo e em seguida apresenta três questões que são meramente para localizar no próprio texto palavras que não estão de acordo com gramática e no dicionário. Apenas no último item é proposto uma discussão, e mesmo assim não leva o aluno a compreender de fato o assunto, são questões muito superficiais.

Nas atividades presentes no manual, observamos que existe a alternância das questões com os conceitos do conteúdo estudado, sempre depois da pergunta é apresentado um pequeno resumo expondo de maneira breve o que está sendo abordado na questão. É perceptível que dessa forma o conteúdo se tornará bem mais agradável para os alunos e também para os professores, pelo fato de ser abordado de forma mais contextualizada, porém, ainda não alcançando um nível tão satisfatório pelo fato de não estudar de forma mais precisa a interpretação do texto.

Aborda o tema das “variedades regionais” (anexo 3) através de uma tirinha de Xaxado, logo em seguida, apresenta algumas questões relacionadas ao assunto. É apresentado de forma muito “rasa”, sem causar muito significado para o aluno, não contribuindo para o ensino mais aprofundado do tema. Apresenta também o resumo referente ao assunto, porém não é o suficiente para entendimento mais aprofundado por parte dos educandos, ensinado desse modo, o aluno vai continuar a perpetuar o preconceito linguístico que a escola deveria buscar maneiras de amenizá-los em seus espaços.

Logo em seguida, as “variedades estilísticas” (anexos 3 e 4) são apresentadas por meio de uma questão de associação de frase, o aluno associaria um item a um possível grupo social que utiliza tais expressões. Essa questão é mais uma que não leva o aluno a perceber de maneira aprofundada o que representa essas variedades, é apenas mais uma forma de associação de termos, os quais podem permitir identificar determinados grupos sociais que as usam é situações de comunicação. O manual didático apresenta (anexo 3 e 4) o seguinte questionamento:

- 1- A que grupo de falantes podemos associar cada uma destas frases?
 Oriente- se pelo quadro.
- a) Se liga aquela mina é da hora!
 - b) Que craque! Deu uma canetada no volante e acertou um tirambaço no gol!
 - c) É melhor fazer o *backup* arquivos antes de deletar qualquer coisa neste micro (KANASHIRO, 2006, p. 35).

É bem nítido que a questão não exige um nível elevado de conhecimento do aluno, pois apresenta uma série de frases, bem sugestivas e simples, e ele deveria associá-las a um grupo de pessoas, algo que pode ser considerado muito simples e não proporcionaria ao discente uma real perspectiva do que ele está estudando. O manual ainda apresenta após a questão um quadro com as repostas prontas, sem permitir que o aluno possa raciocinar as frases e o público nelas representado. Fica evidente que o aluno não necessita de um conhecimento vasto sobre o assunto, mas apenas ter a noção de associar uma coisa à outra.

No final do exercício, é apresentado no livro um pequeno conceito referente ao conteúdo e cita a gíria ou jargão os quais representam alguns grupos sociais. É notório que a questão valoriza muito mais as palavras encontradas nesses típicos diálogos de um grupo ou situação social, mas não dá opções para os alunos entenderem o que representa de maneira mais significativa, apenas memorizarem.

Na sequência, o livro didático trata da “linguagem formal e informal” (anexo 4), a questão é iniciada com um texto, e depois propõe alguns questionamentos, ainda na mesma perspectivas das anteriores, apenas propondo que os alunos identifiquem no texto as respostas, não saindo da bolha de apenas retirar respostas óbvias referentes ao texto, e sem a necessidade de refletir sobre o texto, Antunes (2006) trata com bastante propriedade sobre esse tipo de ensino que não dá ênfase ao significado que o texto apresenta em sua essência literária. Como já foi citado anteriormente, no

final do exercício é apresentado para o aluno um pequeno resumo referente ao assunto abordado, expondo de forma muito concisa.

Para finalizar o capítulo, o livro didático apresenta dois exercícios como uma forma de revisão do que foi estudado anteriormente. O primeiro exercício (anexos 5, 6 e 7) é constituído por seis questões, algumas apresentam textos que são a base para as perguntas referente ao conteúdo. Seguem a mesma linha de abordagem dos exercícios anteriores, com perguntas que são relativamente fáceis de identificar no próprio texto as respostas.

A última parte do livro que se refere a “variedades e registro” corresponde ao exercício que aborda a linguagem verbal e não-verbal (anexo 7). É composto por quatro questões que têm como base um anúncio, as questões são bem parecidas com as demais que foram propostas nos demais exercícios, mas exigem um pouco mais de interpretação do aluno.

O material pedagógico que o livro oferece ao aluno é muito resumido, não apresentando de forma aprofundada o conteúdo, por esse fato, o professor necessita fazer pesquisas, buscar outros meios para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem do discente. Espera-se do docente esse tempo para pesquisar novos textos, exercícios que busquem ajudar a promover um ensino mais apropriado, que seja realmente satisfatório para atender as necessidades dos alunos apresentam em seu dia a dia escolar, porém é justo destacar que por vezes essas pesquisas não podem ser feitas por vários motivos, mas a falta de tempo é o problema mais relatado pelos professores. Existe essa falta de tempo porque o professor quase sempre está sobrecarregado em relação a números de turmas e de alunos que ensina.

O segundo manual didático analisado é intitulado “Português-linguagens”, é dividido em quatro unidades, sendo que cada unidade é subdividida em três capítulos. Os capítulos englobam o estudo do texto, a produção de texto e a língua em foco, atingindo assim os eixos do ensino da Língua Portuguesa que são: a leitura e interpretação, escrita e estudo da gramática.

O livro “Português-linguagens” que é objeto de análise, faz parte do material didático de turmas do sexto ano do Ensino Fundamental II. O livro didático foi publicado em 2014, pela Editora Atual, e tem como editores responsáveis William Roberto Cereja e Thereza Magalhães, foi adquirido pelo Ministério da Educação por volta do ano de 2017, sendo utilizados nos anos seguintes. Observamos que o livro

chama atenção desde a capa (anexo 8), tem a cor vermelha na maior parte da capa, também usa imagens, mostrando a foto de adolescentes com trajes escolares, que pode despertar nos discentes o interesse pelo material didático e por seu conteúdo.

Pelo fato de ser um livro relativamente atual, aborda os principais temas que fazem parte da realidade dos alunos e apresentam requisitos que são exigidos no currículo escolar dos alunos. O conteúdo é abordado de forma mais significativa para o aluno, pois é apresentado de forma clara e elaborada. O manual didático apresenta uma estrutura e concepções bem elaboradas, trata dos conteúdos gramaticais, da literatura - de forma resumida - e também da produção textual.

O livro didático Português-linguagens trata o conteúdo como “a língua em foco - as variações linguísticas”, a princípio apresenta o tópico “construindo o conceito” (anexo 9, 10), feito por meio de um exercício de quatro questões. Tem como base uma tirinha que apresenta de forma preliminar o conteúdo. As perguntas apresentam adequação para o público alvo, pois são adolescentes que possuem conhecimentos prévios do conteúdo, mas mesmo assim não faz o aluno refletir de fato sobre o tema, sendo uma interpretação muito vaga, focado mais no humor. Vale ressaltar que o humor da tirinha se dá por meio de um diálogo entre um vendedor e uma cliente que comprou um papagaio, mas que no final queria devolver o papagaio pelo fato dele não saber “falar” de acordo com a norma-padrão, e a cliente percebeu o porquê do animal não falar de acordo com a norma de prestígio, o vendedor também não dominava a norma culta da língua. Matta (2009) aponta que:

A(s) variedade(s) linguística(s) que cada indivíduo domina, em sua modalidade oral, é efeito de um aprendizado natural em função dos processos interlocutivos (relação com o outro) decorrentes de sua vida, de sua história, das relações com a família, com o grupo de amigos, na sua comunidade, com os meios de comunicação, no seu trabalho, na sua igreja, etc. (MATTA, 2009, p. 37).

Nessa linha de pensamento é importante que o professor assuma o papel de principal mediador em sala de aula, buscar modos de mostrar para os alunos que todos apresentam variações linguísticas próprias. Ao promover esse momento de destaque ao discente, de que cada sujeito tem sua maneira particular de falar, é provável que o mesmo comece a se desenvolver ainda mais em sala de aula,

elevando a autoestima e estimulando o aluno a interagir no momento em que está acontecendo a “troca” de conhecimento.

Após esse exercício de introdução, o livro aborda o conceito sobre a variação linguística (anexo 10), é um resumo bem elaborado sobre o assunto, porém não é tão detalhado, mas fala o que é mais fundamental para que o discente entenda de forma clara o assunto estudado. Seria importante que o conceito fosse mais bem elaborado e significativo para o discente, apontando de forma mais explícita a temática, que apresentasse mais a apropriada, deveria exibir alguns exemplos para também contribuir com o ensino da variação linguística, e assim fortalecer a aprendizagem dos estudantes, apontando caminhos para a “desconstrução” do preconceito linguístico.

Ainda sobre o anexo 10, que apresenta a “norma-padrão e variedades de prestígio”, é apresentado da mesma forma, através de resumo. O assunto é proposto de forma adequada e aborda o que é mais relevante, mesmo sendo de forma resumida consegue alcançar um bom nível para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Esse livro didático é bem interessante pelo fato de apresentar também algumas informações complementares, como acontece em “quantas línguas existem?” (anexo 10), que expõe alguns dados de línguas que existem em cada continente. Essa abordagem pode ajudar a alimentar a curiosidade do discente, levando-o a pesquisar e aprofundar-se no assunto.

O referido manual também aborda de forma breve a “variação linguística e preconceito social” (anexo 11), é importante destacar que nessa parte é fundamental desconstruir o preconceito linguístico, e é justamente nessa perspectiva que o livro didático mostra para o aluno. O conteúdo é apresentado de modo claro e contra qualquer tipo de preconceito referente a variação linguística e destaca que não existe uma mais prestigiada ou menos, retoma o primeiro exercício que era uma tirinha de Fernando Gonsales para exemplificar o tema a partir da atitude da mulher.

Na sequência é abordado o ponto “falar bem é falar adequadamente”, que é iniciado com uma tira de Adão Iturrusgarai (anexo 12 e 13), as questões abordam a maneira em que o menino Zezo se vestiu para ir a um casamento, para demonstrar que é necessário saber falar adequadamente de acordo com a situação e com o interlocutor do processo de comunicação. o livro Português-linguagens apresenta para os alunos a seguinte questão:

- 1- Zezo e seus pais vão a um casamento, e o pai de Zezo reclama da roupa do filho.
 - a) Como Zezo está vestido no primeiro quadrinho? Essa roupa é formal ou informal?
 - b) E os pais, como estão vestidos? Essa roupa é formal ou informal?
 - c) Como o pai de Zezo esperava que o filho se vestisse para ir à uma festa? (CEREJA; MAGALHÃES, 2014, p. 42).

O exercício pretende despertar no discente esse pensamento de adequação e não praticar o preconceito linguístico em situação de comunicação mais informal, é evidente o destaque que o livro didático aponta. Após o exercício, tem um texto curto (anexo 13) que aborda de forma bem clara e objetiva o conteúdo, buscando também mostrar para o aluno que é importante adequar seu discurso com a situação que está vivenciando.

O livro didático destaca com clareza os “tipos de variação linguística”, esse tópico é subdividido em cinco (anexo 13, 14 e 15), que são: “diferença de lugar ou região, escolaridade e classe social e diferenças históricas, oralidade e escrita, formalidade e informalidade, a gíria”. Todo o conteúdo é bem explicitado para os discentes, com alguns exemplos, abordando tudo de relevante que é necessário aprender e compreender, deixando bem claro o que cada um desses tipos de variação linguística apresenta. É destacado um pouco dos lugares que falam a Língua Portuguesa, em alguns continentes, mais uma curiosidade sobre o assunto que levam os alunos a perceberem que a Língua Portuguesa é muito vasta e importante, e que como acontece aqui no Brasil, a Língua Portuguesa sofre variação de um lugar em relação a outro.

É abordado também no livro “O português na Ilha da Madeira” (anexo 14), que apresenta algumas palavras que têm o significado diferente de outros lugares que o português também é considerado a língua materna. Algumas “gírias antigas” (anexo 15) que já caíram em desuso são apresentadas para os alunos, para que assim eles possam conhecer essas antigas gírias. Apresenta ainda, um pequeno resumo que trata “qual é a sua tribo?” (anexo 16), na qual é exposto que através da linguagem é possível identificar o grupo social que a pessoa pertence, isto pode levar o aluno a pensar a tribo que pertence.

A proposta de exercício (anexo 16, 17 e 18) é um tipo de revisão de todo o assunto estudado no capítulo. O exercício é composto por cinco questões, as duas

iniciais são feitas a partir da tira de Adão Iturrusgarai, não são muito significativas para os discentes, mas exige um pouco de interpretação para responder. O manual Português-linguagens apresenta a seguinte questão:

- 1- A tira satiriza o emprego da “tiponite” e do “gerundismo”.
 - a) O que é “tiponite”?
 - b) Sabendo-se que o sufixo **-ite** é muito empregado em nome de doenças (como **apendicite**, **amigdalite**) e significa “inflamação”, conclua: qual é a visão do autor da tira a respeito da “tiponite”?
 - c) Que grupos sociais costumam apresentar esse uso na linguagem?
 - d) Dê a sua opinião: Empregar a “tiponite” ajuda as pessoas a se identificarem com os colegas e a serem aceitos no grupo? Por quê? (CEREJA; MAGALHÃES, 2014, p. 45).

É possível notar que o manual apresenta um certo nível de interpretação nessa questão, e que é adequada para os discentes de sexto ano, mas poderia ter adotado perguntas mais aprofundadas, levando o mesmo a entender melhor a mensagem que a tirinha traz em sua estrutura. Seria interessante não indagar somente os grupos sociais que essas linguagens representam, mas também buscar conscientizar e a levar o aluno perceber que é importante agregar os outros grupos sociais ao seu, e assim a questão ajudaria a rever o preconceito que por vezes existe entre os adolescentes e outros grupos no que diz respeito a linguagem que utilizam.

A segunda parte do exercício é baseado em um anúncio, que apresenta um sinal de trânsito e na mostra duas diferentes formas que o mesmo objeto apresenta em lugares distintos e dessa forma exemplifica as variações linguísticas, e as demais perguntas também não exigem dos alunos uma interpretação muito profunda acerca do anúncio, não os leva a ter o processo de ensino-aprendizagem muito significativo, e nem a passar a valorizar as variações linguísticas. Vale salientar que as questões estão de acordo com o nível de aprendizado que os alunos necessitam, no entanto, poderiam ter proposto questões que levassem eles a se posicionar de forma mais significativa sobre o conteúdo, pois o mesmo estar presente no cotidiano deles, podendo ajudá-los a perceber que é importante valorizar essas variações.

Outro fato que o livro aborda é o “salve o pernambucês e o cearencês!” (anexo 17), que ressalta algumas palavras que são utilizadas no Pernambuco e em outras partes do Nordeste, uma forma de mostrar aos alunos que existem formas variadas

de falar uma mesma palavra e também que é importante preservar essas variações linguísticas, para que estas não sejam suprimidas e nem excluídas.

Para encerrar o capítulo das variações linguísticas o livro “Português-linguagens” trata “as variedades linguísticas na construção do texto” (anexo 17), o exercício é baseado em uma anedota que retrata uma situação de comunicação entre um superior e um funcionário. O texto é marcado por uma variação linguística que não é muito privilegiada, mas o presidente da empresa não praticou o preconceito linguístico, pelo contrário usou o exemplo do funcionário para demonstrar para os demais.

O exercício (anexo 18) compreende seis questões que são baseadas no referido texto já citado, as perguntas apresentam um nível adequado para o grau de ensino que está inserido o conteúdo, porém não exigem um grande esforço do aluno para responder, muito menos um nível elevado de interpretação. Ainda persiste a ideia de correção de “erro”, baseado na gramática normativa da língua, não buscando enaltecer as variações linguísticas.

Por fim, é importante destacar que os dois manuais didáticos, o “Projeto Araribá” e o “Português-linguagens”, quando estudados individualmente apresentam aspectos e concepções bem distintas, pois cada um aborda de maneira diferente o mesmo tema, e é de grande valia, pois permite perceber claramente a evolução do livro “Português-linguagens” se comparado ao “Projeto Araribá”, e é justamente essas novas abordagens que os alunos precisam para que o estudo da variação linguística torne-se cada vez melhor, abordar esse tema de forma mais significativa pelo fato de que está presente no cotidiano do discente. Essa releitura do conteúdo das variações linguísticas deve ser mais ampla para contemplar de forma mais adequada o ensino desse conteúdo que compõe o currículo e levar o discente perceber esse tema da variação linguística de forma mais adequada.

3.2 A variação linguística nos livros didáticos: estudo comparativo

De início é importante destacar que ambos os livros didáticos foram escolhidos pelos professores das escolas públicas, e adquiridos e distribuídos pelo Ministério da Educação nos anos que foram adotados nas escolas. Os livros didáticos estavam adequados para atender o processo de ensino e aprendizagem dos alunos na época

em que foram produzidos, porém ainda deixam a desejar no que diz respeito ao tratamento da variação linguística.

Os manuais didáticos que serviram como objeto de análise são de anos diferentes, por esse motivo existe grande disparidade entre os mesmos, no que compete ao ensino das variações linguísticas da Língua Portuguesa para alunos do Ensino Fundamental II. Eles possuem um modo parecido de abordar o conteúdo, pois ambos apresentam uma visão muito voltada para a gramática normativa. Nessa perspectiva, estão mais focados em levar o aluno a perceber que as variações linguísticas apresentam desvio na norma culta da Língua Portuguesa.

Logo na introdução do conteúdo é possível identificar a diferença entre os dois livros didáticos, o “Projeto Araribá” apresenta o tema chamando de “variedades e registro”, com o passar dos anos e os novos estudos acerca do tema, no manual “Português-linguagens” é conhecido como “A língua em foco: as variações linguísticas”. Os títulos são diferentes, mas tratam do mesmo assunto, um de maneira mais superficial e o outro com mais detalhes.

Os livros, tratando de variações linguísticas, abordam de diferentes formas o mesmo conteúdo, um de maneira mais superficial e outro mais aprofundado. No entanto, se parecem muito no modo em que retratam o assunto, de forma que não leva o aluno a pensar de forma crítica ou que leve a discussão tão essencial que é a desconstrução do preconceito linguístico.

O manual didático “Projeto Araribá” (o mais antigo), trata do conteúdo de modo muito pouco criativo, apenas importando-se com o que na época era considerado “erro” pelos maiores gramáticos, mas não apresentando um sentido real para os discentes. Já o segundo, apresenta de forma bem mais detalhada, tratando de forma bem mais explícita para os alunos, não tendo o seu enfoque apenas na questão do “erro” pelo fato do desvio da norma- padrão da língua. Mesmo com essa mudança que ocorreu com o passar dos anos é notório que o assunto não é estudado e nem analisado amplamente de modo satisfatório. O manual didático “Projeto Araribá”, aponta o seguinte questionamento no anexo 2:

- 1- Leia este fragmento e escreva no caderno o que se pede.
O caboclo louro puxa a faca e esgaravata o dedão do pé.
- São seis reza de hora e meia mais ou meno. Pro santo fica satisfeito.

ALCÂNTARA MACHADO.

A piedade Tereza. In: *Nós e os outros: histórias de diferentes culturas*.

São Paulo: Ática, 2000. p. 98. Coleção Para gostar de ler.

- a) Uma palavra do texto escrita de forma diferente da encontrada no dicionário.
- b) Uma palavra que deveria estar no plural, de acordo com as regras dos livros de gramática.
- c) Discuta com seus colegas: por que o autor teria escrito as falas da personagem dessa forma? (KANASHIRO, 2006, p. 3).

É visível o posicionamento que o manual didático “Projeto Araribá” apresenta em sua estrutura, aborda de forma muito superficial o tema que a questão expõe, pois sugere somente um estudo voltado para a prescrição da gramática normativa. Ao assumir essa postura, o manual didático deixa de lado a interpretação do texto, focando apenas no ensino da gramática e sem proporcionar ao discente um melhor entendimento do que ele está estudando nessa questão. Vale ressaltar que tratar o ensino de Língua Portuguesa nos dois âmbitos - certo e errado - não leva um significado real do estudo da variação linguística. Ainda nesse posicionamento do “certo” e do “errado”, Gomes (2009) fala que:

É fruto de uma tradição de tratamento da língua como um sistema rígido de leis a serem cumpridas, e aquele que não as cumpre é “julgado e condenado” por isso. Só que essa concepção de certo e errado é muito relativa. [...] o que é considerado certo hoje pode não sê-lo amanhã. E o grande problema é que, para uma forma ser considerada certa, como também já dissemos, é necessário que alguém de prestígio a utilize (GOMES, 2009, p. 76 - 77).

A autora destaca o tratamento no que diz respeito ao “certo e errado” no ensino de Língua Portuguesa, que se reflete diretamente na variação linguística pelo fato de ter modos diferentes no ato de falar, é comprovado que no país existem diversas variações linguísticas, porém as mais valorizadas são aquelas que permeiam a parte mais favorecida da sociedade. Esse posicionamento é um tipo de preconceito muito grave e que tem que ser desconstruído, é certo que a escola trona-se este local destaque, é nela que o espaço de mudança de postura ocorre.

Vale a pena ressaltar também que livros se propõe a reproduzir um ensino-aprendizagem ainda visto como ultrapassado, colocando em destaque a norma-

padrão da língua e deixando evidente o que não se “enquadra” dentro da norma, a qual é considerada a mais privilegiada e já citada anteriormente. Ao continuar com esse tipo de postura, tanto a instituição de ensino quanto o professor podem proporcionar ao aluno aquele velho pensamento que a Língua Portuguesa é difícil de se aprender e com o assunto de variação linguística não é muito diferente.

É importante observar que os manuais são destinados aos alunos de forma unificada, sem fazer distinção, porém os textos literários são quase sempre de autores renomados de alguma região mais favorecida, os textos e escritores nordestinos não são tão valorizados quanto outros, e nessa área da variação linguística os manuais didáticos deveriam dar destaque e valorizar todos os tipos de variações e os escritores que a retratam. Essa questão também pode ser vista em ambos os livros, que por esse fato podem não agregar um ensino/aprendizagem satisfatório para os alunos.

Os dois livros didáticos apresentam o conteúdo das variações linguísticas de forma não muito aprofundada, como deveria ser estudado, porém o manual “Projeto Araribá” é bem mais conciso e aborda de maneira mais resumida possível, não dando oportunidade ao aluno conhecer o tema em um cenário mais amplo, e também sem referir alguns temas que são muito relevantes no que diz respeito às variações linguísticas, o preconceito linguístico é um exemplo e não é tratado no manual didático. O ensino de língua materna sendo administrado sem apontar da forma mais clara possível pode acarretar no discente uma aprendizagem deficitária, sem uma situação real de uso, pode-se imaginar na questão desse livro mais antigo que é justamente esse tipo de ensino que foi propagado para os mesmos.

No que diz respeito a não tratar do preconceito linguístico, mostra que o ensino realizado em anos anteriores não é tão apropriado, se for comparado estudado no tempo atual, na época em que o livro foi concebido pode até que tenha sido correto, mas hoje já apresenta novos elementos, mas o livro não apresenta um tema que é tão crucial para a vida de qualquer pessoa, visto que qualquer sujeito que não fala de acordo com a norma padrão da língua pode ser vítima desse preconceito, e que muitas vezes é proferido de pessoas com um maior nível de escolaridade. Nessa lógica, é a instituição escolar quem vai ter o papel imprescindível de buscar formas para reverter o preconceito linguístico que pode acontecer em qualquer lugar e situação de comunicação dentro dela.

Já o manual didático “Português-linguagens” apresenta um ponto positivo que é justamente de expor o preconceito linguístico, não o faz de forma tão bem elaborada, porém já aponta novos horizontes para o ensino mais revolucionário. Mesmo com esse novo momento no que diz respeito ao estudo das variações linguísticas em sala de aula, é necessário que mais e mais estudos e aprimoramentos sejam feitos para levar de forma mais participativa o ensino para todos os estudantes da Língua Portuguesa. Vale destacar que assim como qualquer outro tipo de preconceito, o linguístico deve ser também erradicado da sociedade, e o único meio para que isso possa acontecer é através de uma escola séria, de professores que estejam preparados e engajados para “lutar” contra esse mal que está presente em vários lugares.

O preconceito linguístico é apresentado de forma bem objetiva, com o intuito de apontar que de fato existe esse preconceito na sociedade, na qual pessoas são supervalorizadas ou desvalorizadas devido ao seu modo de falar e se expressar no meio social em que vive. O tema é exposto da seguinte maneira no manual Português-linguagens:

Varição linguística e preconceito social

Você já deve ter ouvido dizer que o português de uma cidade ou de um Estado é melhor de que o de outro lugar. Do ponto de vista linguístico, não existe uma variedade linguística melhor ou mais correta que a outra. Mesmo que uma variedade seja bastante diferente da norma-padrão, ela será boa se permitir aos seus falantes se comunicar e interagir entre si de modo eficiente.

Contudo, as variações linguísticas frequentemente são motivo de preconceito. Pessoas de baixa escolaridade ou vindas do interior ou de regiões distantes dos grandes centros urbanos podem ser ridicularizadas ou inferiorizadas por falarem uma variedade diferente daquelas prestigiadas socialmente (CEREJA; MAGALHÃES, 2014, p. 41).

É preciso destacar que existem diferenças entre esses dois livros objetos de estudo, o fato de não trabalhar preconceito linguístico no manual didático “Projeto Araribá” pode ter proporcionado um ensino insuficiente aos alunos que utilizaram esse manual, pois não seria repassado todo o conteúdo necessário para que o discente observasse que o mesmo é muito vasto e que merece todo o reconhecimento pela importância que possui. O livro “Português-linguagens” trata de forma muito sucinta do conteúdo já citado, e isso pode ser considerado um ponto que atrapalhe um pouco

o desenvolvimento do discente, pelo fato do mesmo ter acesso a um material muito resumido, não o proporcionando um ensino de melhor qualidade.

É importante destacar que o ensino da variação linguística é imprescindível de ser tratado de maneira clara nas salas de aulas em todo o território nacional, e mostrar ao discente que não se deve assumir uma postura de preconceito diante de um sujeito que não domina a variedade de prestígio. O ambiente escolar é propício para que haja a mudança de posicionamento acerca das variações linguísticas, uma vez que é nele que os discentes poderão perceber que existem formas diferentes de falas, e por fim aprender que é necessário respeitar e valorizar toda e qualquer variação linguística.

Os dois manuais didáticos tratam também das gírias, que representam as variações linguísticas, o livro “Projeto Araribá” trata do tema de forma muito supérflua, sem ter uma aproximação com as vivências dos alunos, já que grande maioria já utiliza de gírias para se comunicar diariamente, em quase todos os processos em que exige uma boa comunicação entre o falante e seu interlocutor. No manual “Português-linguagens” também apresenta as gírias, no entanto, o faz de forma mais apropriada, com um conteúdo um pouco mais extenso, e um fato interessante é que apresenta também algumas gírias que hoje são consideradas antigas e isso mostra que a língua está em constante transformação.

O manual “Projeto Araribá” aborda também as chamadas variedades regionais, apresenta de início um pequeno exercício que introduz o assunto, e é baseado em cima de uma tirinha. O livro ainda expõe o seguinte texto para explicar o tema: “nessa tirinha, a linguagem, além de reproduzir certas marcas da oralidade, procura caracterizar as personagens como típicas de sua região. Essa variedade pode ser chamada de **linguagem regional** ou **regionalismo**” (KANASHIRO, 2006, p. 34). O livro sozinho não é capaz de atingir o ensino/aprendizagem adequado para os alunos, no entanto, é importante destacar que está de acordo com o que Antunes (2006) aborda, pois, o tema inicia no texto e exercício - mesmo não sendo uma interpretação bem elaborada para chegar então ao conceito do assunto.

A língua falada é uma grande responsável por transparecer as marcas regionais da parcela da população que a utiliza, ela vai mudando de uma região em relação a outra e permite que seja possível reconhecer um sujeito apenas pela maneira de sua fala. O manual “Português-linguagens” também trata desse ponto das variações que representam uma determinada região, apresenta o seguinte:

Diferenças de lugar ou região

Diferenças geográficas têm relação com variações da língua. Por exemplo, algumas cidades do interior usam a variedade linguística diferente da falada na capital: o português falado no Rio Grande do Sul é diferente do falado no Pernambuco ou Pará; o português falado no Brasil é diferente do falado nos países africanos de língua portuguesa.

As diferenças podem ser de sons (pronúncia), de vocabulário e até de construção frasais (CEREJA; MAGALHÃES, 2014, p. 42).

O manual didático expõe de maneira concisa o contexto das variações que ocorrem nos mais variados lugares, e que elas representam um vasto conhecimento sobre determinado lugar e a população que ali habita. As variações regionais devem ser bem estudadas e também valorizadas, pelo fato de caracterizar toda uma determinada localidade. Vale ressaltar que como em qualquer outro tipo de variação linguística, nas variações regionais não existe uma determinada mais importante que outra, todas são importantes em nível linguístico. Ainda sobre a variedade regional, Matta (2009) fala que:

Toda variação regional é instrumento de identidade de um dado grupo. Ser nordestino, mineiro, paulista, ser gaúcho, carioca, etc. etc. [...]. Normalmente essas distinções aparecem manifestadas na pronúncia de alguns sons, no ritmo, na melodia e vocabulário, característicos de um dado local (MATTA, 2009, p. 31).

A autora destaca que é necessário reforçar e ter orgulho dessas variações linguísticas por ser capaz mostrar de qual localidade aquele pessoal é, desse modo é importante ressaltar o papel que a variedade regional representa para a sociedade em geral, e muito mais para as que fazem parte dessa determinada variedade. Ao professor cabe essa missão de mostrar para os alunos o quão fundamental é valorizar as variedades regionais, tentar enfatizar que elas refletem e caracterizam toda a riqueza linguística de uma região ou localidade.

Outro ponto explicitado nos dois manuais didáticos diz respeito ao nível de formalidade ou não na linguagem oral. O livro “Projeto Araribá” apresenta o conteúdo a partir de um exercício de interpretação de um pequeno texto e logo após apresenta o seguinte conceito:

A maneira mais elaborada de falar ou escrever é chamada de **linguagem formal**. A linguagem formal é mais usada na escrita e em situações orais mais formais, como palestras seminários, entrevistas de emprego, entre outras.

A maneira mais simples e descontraída de falar ou escrever é chamada **linguagem informal**. Nós a usamos quando temos mais intimidade com o nosso interlocutor ou quando queremos nos aproximar dele. Ex.: *e aí, tudo bem?*.

Podemos usar uma linguagem menos ou mais formal, de acordo com a situação e pessoa com quem interagimos (KANASHIRO, 2006, p. 35).

O livro após a questão referente a linguagem apresenta este conceito sobre a linguagem formal e informal, aponta algumas situações possíveis em que cada uma pode ser utilizada, entretanto não apresenta um de forma mais incisivo, esse tema faz parte da vida do discente, pelo fato de que vai precisar se posicionar em algum momento e precisa saber qual a linguagem é mais adequada para aquela situação de comunicação. No manual “Português-linguagens” o tema da linguagem é abordado da seguinte forma:

Formalidade e informalidade: graus de monitoramento

Às vezes, mesmo sem perceber, falamos em determinadas situações de modo diferente do habitual. Por exemplo, quando falamos em público; quando em busca de emprego, somos entrevistados; quando conversamos com pessoas mais instruídas do que nós ou com pessoas que ocupam cargo ou posição elevada. Nessas situações, monitoramos mais o que dizemos, evitando gírias, expressões grosseiras e palavras ou expressões que demonstrem intimidade com o interlocutor, como **fofinha, safado, pra caramba, dia de cão, é um saco**, etc, e, por isso, nossa fala se aproxima mais da norma- padrão. Quando isso ocorre, dizemos que a língua apresenta maior grau de formalidade. Quando, entretanto, ela apresenta menor monitoramento, dizemos que a língua é informal.

A informalidade que se nota no *e-mail* se dá em vários níveis, a intimidade que há entre os interlocutores é revelada no emprego de palavras reduzidas, como **Manu, belê, pra, tá**; no uso de gírias, observada em **galera**; e na utilização da grafia própria de textos que circulam na Internet, ocorrida em **kara e kasa** (CEREJA; MAGALHÃES, 2014, p. 4).

O manual didático apresenta de maneira mais significativa o conteúdo para os discentes, mesmo que muito resumido, o manual coloca pontos positivos que ajudam

os alunos a entender o que está sendo explicado em sala de aula. Ainda sobre essa questão da formalidade ou não da língua, o livro mostra um *e-mail* para exemplificar a linguagem informal, e assim proporcionar que os alunos percebam que existem modos diferentes de falar em relação ao interlocutor ao qual se está reportando. Sobre esse pensamento do monitoramento em maior ou menor formalidade da fala, Matta (2009, p. 35) aponta que:

Mesmo quando o falante tem domínio e se utiliza constantemente de um estilo formal, há nuances dessa formalidade – maior formalidade, menor formalidade- para as diferentes situações em que ela se coloca. Ou seja, os falantes alternam os estilos monitorados, que exigem mais atenção e planejamento, e estilos não- monitorados, que são mais espontâneos e revelam a história de vida desse falante (MATTA, 2009, p. 35).

A autora destaca a importância de se ter um certo monitoramento no momento de fala com o interlocutor, é preciso observar e saber com a pessoa com quem se está falando, pois pode requerer uma linguagem mais rebuscada se existir ali naquela comunicação uma situação de hierarquização, no qual o interlocutor ocupa um lugar de mais prestígio em relação ao outro. Ou seja, tratando esse tema em sala de aula, é preciso que o professor continue a mostrar para os discentes que existe mais de um jeito de falar, e tudo vai depender da situação de comunicação em que vivência num determinado momento, e que isso pode acarretar em uma boa ou má impressão no interlocutor, porém, a instituição escolar não deve tentar mudar totalmente a forma de falar do aluno pelo fato de que muitas vezes esse ato consegue transpor a essência e as raízes históricas do aluno.

O livro “Projeto Araribá” apresenta sobre as gírias: “o que permite associar essas falas a um determinado grupo ou situação social é a linguagem composta por palavras e expressões típicas desse grupo. A essa variação estilística damos o nome de gíria ou jargão” (KANASHIRO, 2006, p. 35). É possível notar que o livro não dispõe de material que proporcione ao aluno um bom nível de entendimento sobre as gírias, não aponta de fato como elas ocorrem nem cita exemplos de grupos sociais que usam determinado estilo de gíria. Já o manual didático “Português-linguagens” apresenta a gíria da seguinte maneira:

A gíria

Você já deve ter reparado que alguns grupos sociais – por exemplo o grupo dos estudantes, o dos jogadores de futebol, o dos policiais, o dos esquetistas, o dos funkeiros, o dos surfistas, etc. – usam na fala certas palavras e expressões que lhes são próprias. Esse tipo de variação linguística é chamado de **gíria**. Normalmente criada por um grupo social ou profissional, a gíria, por sua expressividade, pode tanto desaparecer rapidamente quanto se estender à linguagem de todas as camadas sociais (CEREJA; MAGALHÃES, 2014, p. 44).

O livro trata do conteúdo das gírias de maneira bem mais contextualizada que o livro “Projeto Araribá”, aponta alguns exemplos de grupos que utilizam determinadas gírias (identidade desse grupo). Um fato extremamente necessário apontado no livro é que as gírias por serem sistemas linguísticos vivos, assim como a língua, passa por mudanças e desse modo deixando de ser atual para determinado momento histórico da Língua Portuguesa. Outro ponto positivo do manual “Português-linguagens” é apresentar para os alunos algumas gírias antigas e em desuso, proporcionando ao discente a oportunidade de conhecer outros tipos de gírias utilizadas no passado. É possível afirmar que a gíria tem a capacidade de transparecer o grupo a qual representa. Acerca desse aspecto, Matta (2009) destaca:

No caso das gírias, própria dos jovens, principalmente dos adolescentes, a linguagem criativa e “diferente” tem um caráter excludente, pois só podem falar assim aqueles que fazem parte do grupo. Tanto que quando outras faixas etárias começam a se apropriar de seus termos, eles não usam mais e passam a criar termos e expressões novas (MATTA, 2009, p. 34).

Por meio da linguagem é possível (re)conhecer um determinado grupo social, que pode variar em diversos aspectos, tais como a idade, o nível de conhecimento, a profissão também muitas vezes apresenta um tipo de linguagem própria de sua área, uma pessoa que não faz parte desse meio pode não compreender determinados termos específicos daqueles que representam esse grupo. Os adolescentes em especial, se mostram de forma muito mais incisiva a essa questão das gírias, sempre estão aperfeiçoando-as, mas nem tudo é só coisas boas, podem muitas vezes assumir um papel de ser excludente, o que não pertence a eles é simplesmente deixado de lado. Essa questão pode ser observada entre os adolescentes da zona urbana e os

da zona rural, pois alguns dialetos da zona urbana não são utilizados no campo e vice versa, e por esse motivo os da área urbana excluem os da zona rural, podendo até mesmo fazer “chacotas” pelo fato de terem uma linguagem “diferente”.

É importante frisar nesse momento de finalização da comparação entre os dois livros objetos de estudo que existem diversas diferenças entre os dois manuais didáticos que são a base dessa análise. O livro “Projeto Araribá” apresenta um material considerado pouco eficiente para o ensino- aprendizagem de boa qualidade, o tema das variações linguísticas não é representado de forma que consiga levar ao aluno um conhecimento mais significativo. O livro aborda de forma muito sucinta o conteúdo, com alguns exercícios que não proporciona ao discente uma interpretação que o leve a entender de fato o texto e também o tema que está presente nele.

Já o livro “Português-linguagens” é muito mais detalhado no tocante às variações linguísticas, aponta muitos temas que estão diretamente ligados a esse assunto, tais como as gírias, a oralidade e a escrita, falar bem é falar adequadamente, entre outros, e também algumas curiosidades sobre a Língua Portuguesa proporcionando ao aluno não ter só uma visão do português brasileiro, mas também o utilizado em outros países.

4 Considerações finais

O ensino de Língua Portuguesa é um dos mais importantes e valiosos que compõe o currículo escolar de qualquer aluno, através dele é possível conhecer os falares variados, além da escrita e também a leitura, é sabido que é por meio dessa disciplina que se conhece mais afundo tudo o que a língua representa para seus falantes e toda a história da nação. É de extrema importância que o professor faça um amplo ensino pautado no livro didático, mas não apenas nele, é preciso procurar em outros meios para assim tornar cada vez melhor o processo de ensino-aprendizagem dos discentes.

Esta pesquisa adotou como objetivo geral a comparação de dois livros didáticos de Língua Portuguesa distintos e analisar como é trabalhado neles as variações linguísticas, o que se pode observar é que ambos os livros tratam o tema de forma resumida. O manual “Projeto Araribá” é ainda mais sucinto, com poucos conceitos e alguns exercícios que não contribui com um ensino considerado qualificado. O manual “Português-linguagens” apresenta o conteúdo de maneira mais elaborada, traz alguns aspectos da sociolinguística e o manual “Projeto Araribá” não mostrou, e esse é um fato importante, pois retrata que o tema teve outros estudos e que agora é melhor expostos para os alunos.

Já os objetivos específicos desse trabalho foram mais voltados para o trato com o livro didático, o primeiro consistia em fazer uma descrição da forma como as variações linguísticas são apresentados em cada livro estudado, e isso foi possível, pois conseguiu-se transmitir de forma bem elaborada como se deu e cada manual, e que por serem de anos diferentes foi possível observar que houve uma melhoria significativa no ensino do conteúdo já citado.

O segundo objetivo específico que norteou este trabalho diz respeito discursão sobre a contribuição que o livro proporciona para a aprendizagem dos alunos. É importante explicar que é bem diferente a contribuição que os dois livros representam. O manual “Projeto Araribá” não contribui como deveria, pois não aborda o conteúdo de forma que possa atingir um grau elevado de entendimento dos discentes. O manual “Português-linguagens” aborda o assunto de forma mais pautado em textos e em conceitos mais elaborados, sem falar que apresenta mais alguns subtópicos que o outro manual não tem, e por esse fato tem uma maior contribuição para a aprendizagem significativa do estudante.

No decorrer desta pesquisa observou-se, portanto, que as variações linguísticas são abordadas de maneiras distintas, enquanto o manual “Projeto Araribá” apresenta o tema de forma concisa, com apenas alguns conceitos curtos e atividades que não condiz com um ensino de qualidade que pode ter sido deficitário para os discentes. Já o manual “Português-linguagens” aborda o conteúdo de maneira muito mais dinâmica, partindo do texto, de sua interpretação para chegar ao ensino linguístico. Entretanto, as questões de interpretação do texto deveriam ser mais aprofundadas para gerar mais significação na vida escolar do discente e também para que o mesmo possa observar o mundo e as pessoas com outros olhos. É nítida a renovação ocorrida na temática da variação, pois a mesma é exposta de maneira mais contextualizada para o discente e isso aconteceu no espaço de tempo entre os dois manuais didáticos (“Projeto Araribá” e o “Português-linguagens”).

É importante ressaltar que estudos posteriores a esse sejam realizados para que haja cada vez mais o aperfeiçoamento das aulas de Língua Portuguesa no que diz respeito às variações linguísticas e também para contribuir para um livro didático cada vez mais fortalecido e que proporcione uma aprendizagem cada vez mais significativa para os discentes. seria bastante interessante se algum pesquisador fizesse uma pesquisa de campo em uma escola, para saber o que os alunos e o professor(a) tem a dizer a respeito do livro didático que utilizam em sala de aula.

Ao proporcionar uma mudança na metodologia de ensino das variações linguísticas, cedendo espaço para que o aluno possa se “colocar” em sala de aula, interagir com os colegas e o professor, isso vai possibilitar que o discente possa perceber a sua língua em uso real, e assim assumindo uma postura diferente do que é observada na sociedade, pois existe grande preconceito com as pessoas menos escolarizadas. Essas pessoas são hostilizadas apenas por não utilizar ou entender a língua falada de acordo com a norma-padrão que a gramática exige.

Portanto, o trabalho com a variação linguística é indispensável, pois está presente na vida dos discentes, se não for discutida de forma significativa com a turma, não atinge o ensino-aprendizagem mais significativo almejado pelo professor e de toda a comunidade escolar. É importante que o docente leve o aluno a refletir acerca da língua falada em sua essência heterogênea, que permite variações de acordo com a linguística e a sociolinguística, ou seja, toda variedade é acolhida pela

linguística, sem fazer nenhum tipo de discriminação. Em sala de aula é necessário que o professor busque alternativas para levar o aluno a perceber que o mais importante não é focar no “erro” (na perspectiva gramatical), mas sim levar o mesmo a valorizar as variações linguísticas existentes na Língua Portuguesa, e também respeitar as falas dos seus interlocutores e adequar a fala que possa gerar uma comunicação eficiente.

5 REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola editorial, 2006.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico.** 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. (Revista e ampliada)
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística.** 16. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- BELINI, Raimunda Gomes de Carvalho. SOUSA, Maria Margarete Fernandes de. **A variação linguística no livro didático: um olhar sob a perspectiva sociolinguística.** Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5839>>. Acesso em: 22 de mai. de 2021.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens – 6.º ano.** 8. ed. São Paulo: Editora Atual, 2014.
- COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **O tratamento da variação linguística no livro didático de português.** 2007. 162 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/2002116185839>>. Acesso em: 10 de jul. de 2021.
- GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de Língua Portuguesa.** São Paulo, editora Saraiva, 2009.
- KANASHIRO, Áurea Regina. **Projeto Araribá: português.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- LAJOLO, Marisa. Introdução. *In: Do mundo da leitura para a leitura do mundo.* 6. ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 07-08.
- LAJOLO, Marisa. **Livro didático: um (quase) manual do usuário.** Em Aberto, Brasília, ano 16, n. 69, jan./mar. 1996. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2368>. Acesso em 08 jun. 2020.

MATTA, Sozângela Schemim da. **Português-linguagem e interação**. Curitiba, Bolsa Nacional do Livro Ltda. 2009.

OTA, Ivete Aparecida da Silva. **O livro didático de língua portuguesa no Brasil**. Educar, Curitiba, n. 35, p. 211-221, 2009. Editora UFPR.

ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. (Org.). **Livro didático de língua portuguesa, letramento e culturada escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SILVA, Marco Antônio. **A fetichização do livro didático no Brasil**. Educação e Realidade. Porto Alegre, v.37, n. 3, p. 803-821, set/dez. 2012.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. Língua e preconceito linguístico. *In: A sociolinguística e a língua materna*. Curitiba: Ibpex, 2009, p. 39-71.

ANEXOS

Anexo 1.



ESTUDO DA LÍNGUA

VARIEDADES E REGISTRO

Perguntas-chave

Ao final deste estudo você deverá ser capaz de responder às questões abaixo.

- O que é variedade padrão?
- O que são variedades regionais e estilísticas?
- O que é linguagem formal e informal?

1 Variedade padrão

1 Leia este fragmento e escreva no caderno o que se pede.

O caboclo louro puxa a faca e esgaravata o dedão do pé.
— São seis reza de hora e meia cada mais ou meno. Pro
santo ficá satisfeito.

ALCANTARA MACHADO.

A piedosa Teresa. In: *Nós e os outros: histórias de diferentes culturas*.
São Paulo: Ática, 2000. p. 98. Coleção Para gostar de ler.

- Uma palavra do texto escrita de forma diferente da encontrada no dicionário.
- Uma palavra que deveria estar no plural, de acordo com as regras dos livros de gramática.
- Discuta com seus colegas: por que o autor teria escrito as falas da personagem dessa forma?

2 Agora, releia este trecho de *O encontro de Tom com o príncipe*.

"Tom, com sua humilde roupa rasgada, aproximou-se timidamente, bem devagar. Seu coração começou a bater depressa quando viu, do outro lado das grades douradas, um menino simpático e bonito, com roupas de seda e cetim, enfeitadas com jóias resplandecentes."

- As palavras estão escritas do mesmo modo que no dicionário?
- E quanto à formação do plural, elas estão de acordo com as regras dos livros de gramática?

No primeiro exercício, o texto apresenta uma linguagem diferente daquela utilizada nos livros, jornais, etc. As palavras que você identificou fogem às regras da gramática, que estabeleceram um padrão para a língua, isto é, um modelo que deve ser seguido em certas ocasiões.

Quando a linguagem usada obedece a essas regras, como no segundo exercício, dizemos que ela está de acordo com a **variedade padrão**.

A variedade padrão é ensinada nas escolas e deve ser usada em situações de comunicação que exigem o uso da linguagem de acordo com as regras da gramática, como, por exemplo, em documentos, em artigos de jornais e revistas, em discursos e palestras, leis, documentos, artigos científicos, etc.

- Pense no modo como você fala quando está entre amigos. Compare-o com o modo como você fala quando está conversando com o diretor da sua escola, por exemplo.



Anexo 3

- Há diferenças no modo como você usa a língua nas duas situações? Que diferenças são essas?

Você já deve ter percebido que usamos a língua portuguesa de diferentes maneiras, oralmente ou por escrito. Essas **diferenças** podem se manifestar no vocabulário, na pronúncia, no modo como organizamos e combinamos as palavras nas frases, etc.

Essas variedades são muito naturais, pois a língua é um sistema vivo que pode ser usado conforme a nossa necessidade: de acordo com o contexto da conversa, com a região em que moramos, com nossa idade, etc.

2 Variedades regionais

- 4 Leia esta tirinha e responda ao que se pede no caderno.

XAXADO



ESTÚDIO CEDRAZ



- Xaxado ficou com inveja do cachorro dos amigos? Explique.
- Em que região do Brasil essa história deve se passar? O que permite fazer essa hipótese?
- Que palavras ou expressões da tirinha ajudam a caracterizar essa região?

Nessa tirinha, a linguagem, além de reproduzir certas marcas da oralidade, procura caracterizar as personagens como típicas habitantes de sua região. Essa variedade pode ser chamada de **linguagem regional** ou **regionalismo**.

3 Variedades estilísticas

- 5 A que grupo de falantes podemos associar cada uma destas frases? Oriente-se pelo quadro.

- Se liga, aquela mina é da hora!
- Que craque! Deu uma caneta no volante e acertou um tirambaço no gol!



Anexo 4

- c) É melhor fazer um *backup* dos arquivos antes de deletar qualquer coisa neste micro.

Torcedores assistindo a uma partida de futebol.
Adolescentes conversando numa festa.
Pessoas que trabalham com computadores.

O que permite associar essas falas a um determinado grupo ou situação social é a linguagem composta por palavras e expressões típicas desse grupo. A essa variedade estilística damos o nome de *gíria* ou *jargão*.

O pequeno Nicolau fez grande sucesso desde que apareceu como personagem de história em quadrinhos. Suas aventuras e seus comentários sobre as peripécias do cotidiano se transformaram em uma série de livros que, por meio do humor, fazem uma crítica ao mundo dos adultos. René Goscinny e Jean-Jacques Sempé, os autores, são franceses. Junto com o ilustrador Albert Uderzo, também francês, Goscinny criou *Asterix*, uma ótima série de quadrinhos.

Linguagem

formal

informal

Todas as variedades (a variedade padrão, as variedades regionais, estilísticas) podem se apresentar de modo formal ou informal. O uso da variedade padrão ou de outra variedade, as expressões regionais, *gírias*, *jargões* e os graus de formalidade e informalidade dependem do contexto, da situação de comunicação.

4 Linguagem formal e informal

6 Leia e responda às questões no caderno.

Esse negócio de falar no rádio deixou a gente nervoso demais e a professora teve que bater a régua muitas vezes na mesa para poder continuar a aula de gramática.

E aí a porta da classe abriu [...].

— Sentados! — o diretor falou. — Meus meninos, é uma grande honra para a nossa escola receber a visita da rádio que, pela magia das ondas, e graças ao gênio de Marconi, fará as palavras de vocês repercutirem em milhares de lares. Estou certo de que vocês serão sensíveis a essa honra e estarão imbuídos de um sentimento de responsabilidade.

SEMPÉ & GOSCINNY.

A gente falou no rádio. In: *O pequeno Nicolau e seus colegas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

- Quem está narrando essa história?
- Que outra personagem aparece?
- O narrador e o diretor estão usando a mesma língua?
- Qual dos dois usa uma linguagem mais elaborada?
- Qual dos dois fala de maneira mais simples, descontraída?

A maneira mais elaborada de falar ou escrever é chamada **linguagem formal**. A linguagem formal é mais usada na escrita e em situações orais formais, como palestras, seminários, entrevistas de emprego, entre outras.

A maneira mais simples e descontraída de falar ou escrever é chamada **linguagem informal**. Nós a usamos quando temos mais intimidade com nosso interlocutor ou quando queremos nos aproximar dele. Ex.: *E aí, tudo bem?*

Podemos usar uma linguagem menos ou mais formal, de acordo com a situação e a pessoa com quem interagimos.

Anexo 5



Pratique

Heloísa Périssé, atriz e escritora, criou a personagem Tati, uma adolescente tipicamente carioca — e ao mesmo tempo universal — que ela encarnou no teatro e na TV.

Em 2003, a escritora lançou *O diário de Tati*, livro que conta novas aventuras da personagem e que alcançou enorme sucesso.

1 Leia o fragmento de texto e observe a linguagem utilizada.

Quinta-feira, dia 5 de dezembro.

Fala sério, a vida te reserva tantas coisas maneiras, que cara, é lance você guardar isso — não só na memória, mas tipo assim, escrevendo mesmo. A partir de hoje eu vou ter mais esse grande amigo na minha vida, que é você, diário.

HELOÍSA PÉRISSÉ.

O diário de Tati. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

- A linguagem predominante no fragmento caracteriza o narrador dessa história. Justifique essa afirmação.
- A linguagem utilizada no texto está de acordo com a variedade padrão?

2 Leia esta conversa entre um pescador de Minas Gerais e seu amigo.

— [...] Um dia, Sá Leontina, minha patroa, me pediu pra encher uma cabaça d'água, daí a pouco ela ia principiar a janta. Eu aproveitei, garrei minha varinha, ranquei meia dúzia de minhoca, quem sabe não pegava uma traíra pra reforçar a bóia?

— Pegou?

— Escuta só. Isquei o anzol e joguei n'água, naquele poço ali bem adiante. Antes, bati a ponta da vara na flor d'água uma porção de vez — assim, ó! — que é pra chamar os peixe. Esperei. Daí a pouco, a primeira beliscada. Mordidinha à-toa, coisa de piaba ou acará. Liguei não, até achei foi bom. Atrás deles é que a trairama vem.

— E veio?

— Quá o quê! Veio mas foi coisa muito diferente.

— O quê que foi? [...]

— Na hora, assim no flagrante do susto, eu nem compreendi direito, só via a água rebojando. No centro do rodamunho, aquela coisa preta, um troço que nem tora de pau. [...] Quando vi, já tava rezando pra São Bento, pedindo urgente proteção contra o monstro. [...]

— Que bicho era?

— Pois o senhor não sabe que São Bento é o protetor da gente e da criação contra cobra? E era uma sucuriju como nunca vi nesses meus quase setenta anos de vida. Nem quero ver de novo. Deus me livre e guarde! [...]

OLAVO ROMANO.

Minas e seus casos. São Paulo: Ática, 1984. p. 23.



Anexo 6

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O analista de Bagé é uma personagem criada por Luis Fernando Verissimo. Surgiu pela primeira vez no livro *O analista de Bagé*, no final da década de 1970. O livro vendeu mais de 160 mil exemplares.

O trecho que você lê ao lado faz parte do segundo livro em que a personagem aparece.



Desafio

Você é capaz de descobrir qual o sentido das gírias destacadas nas frases abaixo? Observe o contexto em que aparecem.

- Aquele foi o filme mais **tosco** que eu já vi!
- Olha issol! **Se liga na mexerica!**
- Tomei o maior chá de **cadeira** na sala de espera do dentista.
- Aquela festa foi **da hora**.

- O que o pescador está contando?
- Que marcas da linguagem oral você identifica no texto?
- Identifique três palavras ou expressões que não estão de acordo com a variedade padrão.
- A que variedade lingüística podemos associar esse texto?
- De que outra forma é possível dizer as expressões "Isquei o anzol" e "Quá o quê!"?
- Na sua opinião, o texto, com as formas de linguagem adotadas, ficou menos ou mais expressivo? Por quê?

3 Leia o trecho de uma crônica e responda às questões no caderno.

Outra do analista de Bagé

[...] Um dia entrou um paciente novo no consultório.

— Buenas, tchê — saudou o analista. — Se abanque no más.

O moço deitou no divã coberto com um pelego e o analista foi logo lhe alcançando a cuia com erva nova. O moço observou:

— Cuia mais linda.

— Côsa mui especial. Me deu meu primeiro paciente. O coronel Macedônio, lá pras banda de Lavras.

— A troco de quê? — quis saber o moço, chupando a bomba.

— Pues tava variando, pensando que era metade homem e metade cavalo. Curei o animal.

— Oigalê.

[...]

LUIS FERNANDO VERISSIMO.

Outras do Analista de Bagé. Porto Alegre: L&PM, 1982. p. 73.

- Nessa crônica, o autor procurou reproduzir certas marcas da oralidade e caracterizar a linguagem como uma variedade típica de uma região do Brasil. Que região é essa?
- Que palavras ou expressões são típicas dessa região?
- Que palavras ou expressões são marcas da oralidade, independente da região?
- Na sua opinião, qual poderia ter sido a intenção do autor ao reproduzir na escrita essa variedade regional?

4 Releia este trecho do texto *O encontro de Tom e o príncipe*.

“— Abram caminho para Sua Alteza! Ah, ah, ah! Deixem passar esse Príncipe de Gales de araque!”

- Quem está dizendo isso e em qual situação?
- Nesse trecho há a combinação de um tom formal e uma expressão típica da informalidade. Transcreva essa expressão.

5 Escreva no caderno qual é a linguagem, formal ou informal, utilizada nas seguintes situações do texto.

Anexo 7

- O soldado, tratando com Tom ou com o príncipe disfarçado de mendigo.
- O príncipe, falando com o soldado.
- Justifique a opção por esses níveis de linguagem em cada situação.

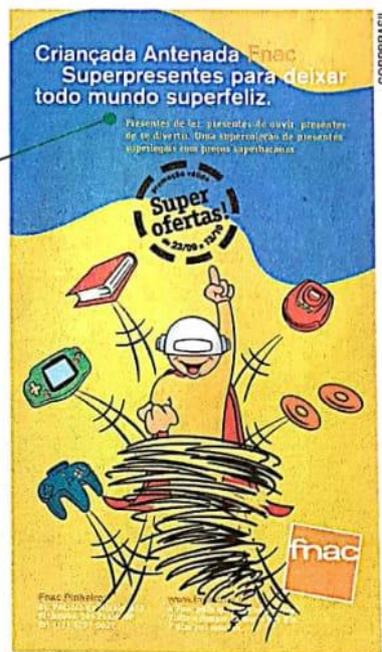
6 Escreva no caderno qual seria a linguagem mais adequada para ser usada em cada uma das situações a seguir.

- Um discurso do presidente da República.
- Um bilhete de um amigo para outro.
- Uma conversa entre colegas, no recreio.
- Uma entrevista de emprego.

A gramática em contexto

*Criançada Antenada Fnac
Superpresentes para deixar
todo mundo superfeliz.
Presentes de ler, presentes
de ouvir, presentes de se di-
vertir. Uma supercoleção de
presentes superlegais com
preços superbacanas.*

1 Observe esta propaganda e responda às questões no caderno.



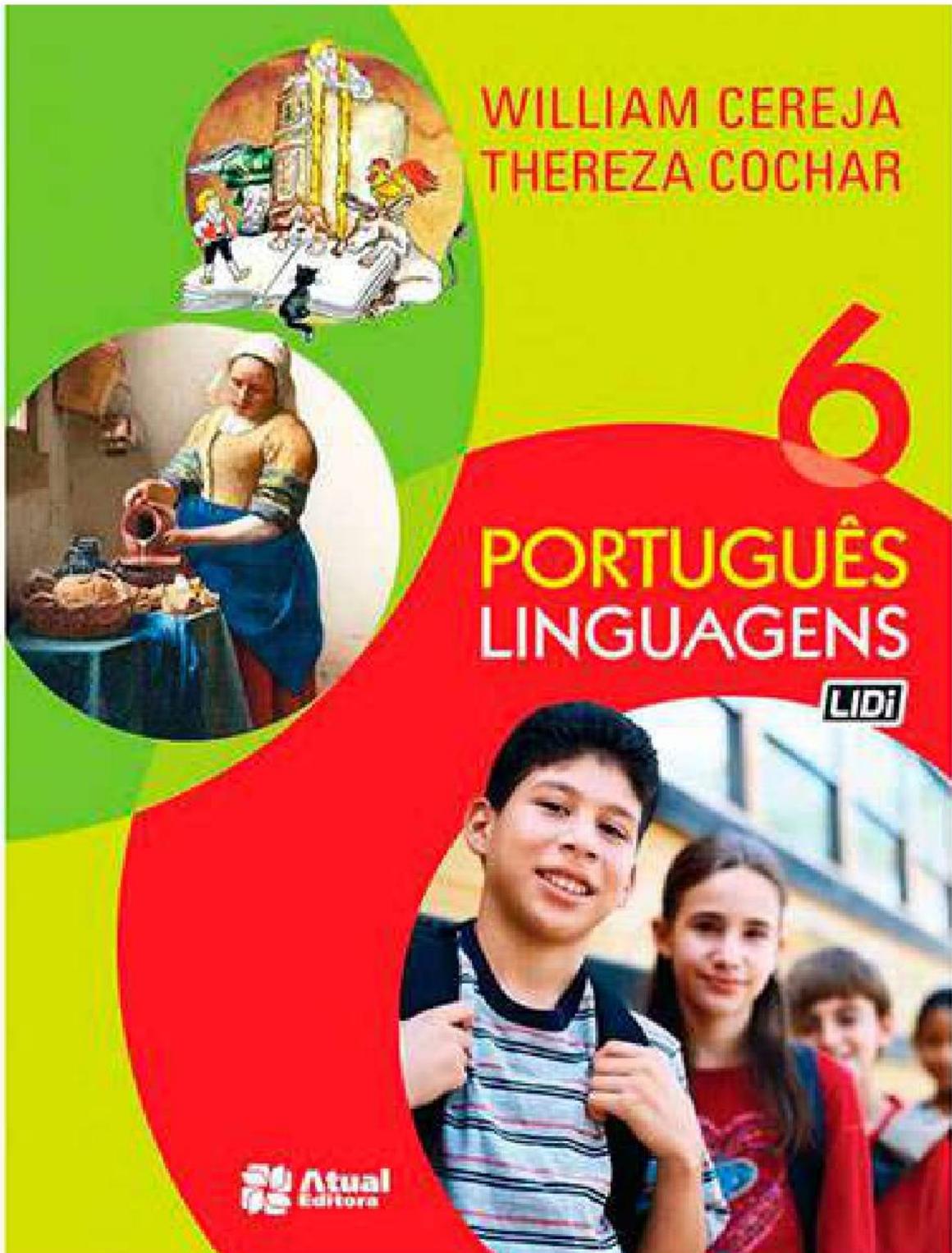
- Quais os elementos que correspondem à linguagem verbal? E os que correspondem à linguagem não-verbal?
- A partir da análise dos elementos verbais e não-verbais que compõem o anúncio, identifique o público a que ele se destina.

2 Qual é a linguagem predominante no anúncio? Retire do texto exemplos que justifiquem sua resposta.

3 Explique a intenção do anúncio ao utilizar essa linguagem.

4 Como as imagens reforçam a mensagem do anúncio?

Anexo 8



Anexo 9

2. Você já imaginou como seria a história *A Bela Adormecida* se a moça sofresse de insônia? Ou se em *Chapeuzinho Vermelho* o lobo fosse vegetariano? Ou se em *Branca de Neve* a moça odiasse maçãs? A exemplo do conto "O patinho bonito", escolha um conto maravilhoso e recrie-o, fazendo as alterações que quiser. Você poderá, por exemplo, inverter as características de uma personagem ou adaptar a história aos dias de hoje.

Planejamento do texto

Ao redigir seus contos, leve em conta as orientações dadas no capítulo 1, na página 21, adaptando-as à proposta que você irá desenvolver.

Revisão e reescrita

Faça um rascunho e só passe seu conto a limpo depois de realizar uma revisão cuidadosa, seguindo as orientações dadas no capítulo 1, na página 21, adaptando-as à proposta que você desenvolveu.

A língua em foco

AS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS

CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia a tira abaixo, de Fernando Gonsales.



(Folha de S. Paulo, 3/8/2007.)

- O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa. No 1º quadrinho, o papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher.
 - Que palavras causam estranhamento à mulher?
 - Como provavelmente ela diria essas palavras?
- Para que o leitor compreenda bem a tira, é necessário que ele tenha conhecimento sobre como os papagaios aprendem a falar. De que forma isso acontece?
- No 2º quadrinho, a mulher procura o comerciante para devolver o papagaio.
 - Qual é a provável relação entre o homem e o papagaio?
 - A surpresa e a graça da tira estão na fala do comerciante. O que a fala dele revela?

Anexo 10

4. Os modos de uso da língua frequentemente geram preconceitos, isto é, podem levar as pessoas a ser julgadas positiva ou negativamente. Considerando a situação em que o papagaio aprendeu a falar, responda: Que outra razão pode ter levado a mulher a querer devolver o papagaio?

CONCEITUANDO

O cartunista Fernando Gonsales, para criar humor, explorou em sua tira a diversidade linguística que existe no Brasil. Como nosso país é muito grande e desigual, com Estados grandes e pequenos, ricos e pobres, com gente vivendo no litoral, na floresta, nas grandes cidades, em povoados ou na roça, é natural que a língua portuguesa sofra variações, que constituem as **variedades linguísticas**.

Além das variações resultantes de localização geográfica, uma língua também pode apresentar variações decorrentes de outros fatores, como idade, profissão e grau de escolaridade. Por exemplo, uma pessoa mais velha do que nós ou que exerce uma determinada profissão pode usar a língua de uma forma diferente da nossa.

Variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada.

Norma-padrão e variedades de prestígio

A língua está sempre em mudança, em renovação. Palavras novas surgem a todo instante e formas antes valorizadas caem em desuso com o tempo. Com a Internet, até mesmo a forma de escrever as palavras tem se modificado.

Justamente para evitar que cada um use a língua à sua maneira, em todo o mundo existem especialistas que registram, estudam e sistematizam o que é a língua de um povo em certo momento, o que dá origem à **norma-padrão**, uma espécie de “lei” que orienta o uso social da língua. Essa norma-padrão é a que está registrada nos dicionários e nos livros de gramática.

É claro que a norma-padrão não existe como uma língua de fato, pois ninguém fala português em norma-padrão em todos os momentos da vida. Ela é um modelo, uma referência que orienta os usuários da língua a, sempre que precisam, usar o português de modo mais formal.

Há momentos descontraídos, em que ela não é necessária, mas há momentos em que ela é obrigatória, como quando fazemos uma entrevista para conseguir um emprego, quando apresentamos um trabalho escolar, participamos de um debate, escrevemos uma carta para uma autoridade pública, redigimos um requerimento, etc. Dada a importância da norma-padrão, a escola se propõe ensiná-la a todas as crianças e jovens do país, preparando-os para ingressar na vida social.

Quantas línguas existem?

Já existiram 10 mil línguas diferentes no mundo, número que com o passar dos anos foi diminuindo. Hoje, existem 6.700 línguas vivas e apenas 250 delas contam com mais de 1 milhão de falantes. Possivelmente existem outras línguas, faladas por habitantes de lugares inóspitos, ainda não descobertos. A divisão de línguas por continentes é a seguinte:

Ásia 2.165

África 2.010

Oceania 1.300

América 1.000

Europa 225

Estima-se que metade dessas línguas irá desaparecer até o ano de 2050, o que significa que uma língua irá se extinguir a cada cinco dias.

(Marcelo Duarte. *O guia dos curiosos – Língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 24.)



Rita Barreto

Anexo 11

As variedades do português que mais se aproximam da norma-padrão são prestigiadas socialmente. É o caso das variedades linguísticas urbanas, faladas nas grandes cidades por pessoas escolarizadas e de renda mais alta. Outras variedades, faladas em lugares distantes dos grandes centros, ou faladas por pessoas analfabetas ou de baixa escolaridade, ou por pessoas mais pobres, são menos prestigiadas e, por isso, frequentemente aqueles que as falam são vítimas de preconceito.

Acesso às variedades de prestígio: questão de cidadania!

Você já percebeu como algumas pessoas simples, sem instrução e sem facilidade para se expressar ficam tímidas diante de outras pessoas que falam com clareza e fluência?

Ter acesso às variedades linguísticas prestigiadas socialmente e saber se expressar por meio delas tem sido um privilégio de poucos, mas é um direito de todo cidadão. Conhecendo a norma-padrão e apropriando-se de variedades de prestígio social, o cidadão fica em pé de igualdade linguística com as outras pessoas e, assim, torna-se mais fácil ouvirem sua voz e respeitarem seus direitos.

Norma-padrão é uma referência, uma espécie de modelo ou de "lei" que normatiza o uso da língua, falada ou escrita.

Variedades urbanas de prestígio, também conhecidas como **norma culta**, são as variedades empregadas pelos falantes urbanos mais escolarizados e de renda mais alta.



Variação linguística e preconceito social

Você já deve ter ouvido alguém dizer que o português de uma cidade ou de um Estado é melhor do que o de outro lugar. Do ponto de vista linguístico, não existe uma variedade linguística melhor ou mais correta do que outra. Mesmo que uma variedade seja bastante diferente da norma-padrão, ela será boa se permitir aos seus falantes se comunicar e interagir entre si de modo eficiente.

Contudo, as variações da língua frequentemente são motivo de preconceito. Pessoas de baixa escolaridade, ou vindas do interior ou de regiões distantes dos grandes centros urbanos podem ser ridicularizadas ou inferiorizadas por falarem uma variedade diferente daquelas prestigiadas socialmente.

Na tira de Fernando Gonsales, a mulher devolve o papagaio porque não se identifica com a variedade linguística falada pela ave. Ou talvez para evitar que pensassem que ela ou a família dela tivessem sido o modelo para aquele modo de falar do papagaio.

Falar bem é falar adequadamente

Leia esta tira, de Adão Iturrusgarai:



Anexo 12

1. Zezo e seus pais vão a um casamento, e o pai de Zezo reclama da roupa do filho.
 - a) Como Zezo está vestido no 1º quadrinho? Essa roupa é formal ou informal?
 - b) E os pais, como estão vestidos? Essa roupa é formal ou informal?
 - c) Como o pai de Zezo esperava que o filho se vestisse para ir à festa?
2. O humor da tira concentra-se no último quadrinho. Zezo atendeu à expectativa dos pais? Por quê?

A tira cria humor a partir do conceito de adequação e inadequação das roupas. Com a língua não é diferente: variamos o emprego da língua de acordo com a situação.

Em situações mais formais, empregamos uma variedade linguística mais formal e próxima da norma-padrão. Em situações informais, empregamos igualmente uma variedade linguística informal, sem a rigidez das regras da norma-padrão.

Quando entramos na escola, já conhecemos e dominamos algumas variedades, como a falada na família, na rua ou no bairro. Porém, na escola, temos a oportunidade de nos apropriar de variedades linguísticas de prestígio, que poucas pessoas dominam e são indispensáveis para nossa vida social e profissional.

Enfim, todas as variedades linguísticas têm seu valor e sua importância. Mas saber usar bem uma língua significa saber empregar a variedade linguística mais adequada a cada situação.



Adlio Iturugana

Tipos de variação linguística

As variações de uma língua podem ocorrer por diferentes motivos. Conheça, a seguir, alguns deles.

Diferenças de lugar ou região

Diferenças geográficas têm relação com variações da língua. Por exemplo, algumas cidades do interior usam uma variedade linguística diferente da falada na capital; o português falado no Rio Grande do Sul é diferente do falado em Pernambuco ou no Pará; o português falado no Brasil é diferente do falado nos países africanos de língua portuguesa.

As diferenças podem ser de som (pronúncia), de vocabulário e até de construções frasais. Veja um exemplo na tira a seguir.



© MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES - BRASIL / 2010



(Chico Bento, nº 424.)

A língua portuguesa no mundo

A língua portuguesa tem presença significativa em quatro continentes. Além de ser falada no Brasil (América do Sul) e em Portugal (Europa), está presente em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe (na África) e em Goa e Timor Leste (Ásia).

Se, dentro do Brasil, notamos variações linguísticas de uma região para outra, imagine de um continente para outro!

Fonte: Marcelo Duarte. *O guia dos curiosos – Língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 58.

Anexo 13

Na tira, a fala de Chico Bento (1º quadrinho) está de acordo com a língua falada pela maior parte dos brasileiros, já que falantes de toda parte podem dizer “quiria” em vez de **queria** e “sê” em vez de **ser**. Porém, na fala do outro garoto (3º quadrinho), o emprego de “discurpa” em vez de **desculpa** mostra que ele é um falante do dialeto caipira, no qual frequentemente o **l** é trocado pelo **r**: “arto” (alto), “parmo” (palmo), “lençor” (lençol), etc.

Escolaridade e classe social

A variedade linguística que você observou na tira de Fernando Gonsales reproduzida na página 39 é um exemplo das variações ocasionadas pelo baixo grau de escolaridade: o emprego de “bicicrete”, “concrete” e “cardeneta” é comum entre pessoas que frequentaram pouco ou não frequentaram a escola.

Diferenças históricas

Com o passar do tempo, uma língua sofre variações. Leia estes versos de uma cantiga de roda:

Chora, menina, chora
Chora porque não tem
Vintém.
Menina que está na roda
Parece uma toleirona,
Bobona.

(Domínio público.)

Nesses versos, há duas palavras que caíram em desuso: **vintém** e **toleirona**. **Vintém** é uma antiga moeda de pouco valor, e **toleirona** é pessoa tola, bobalhona.

Oralidade e escrita

Em princípio, a língua oral é mais espontânea do que a língua escrita. Na língua oral são comuns, por exemplo, as repetições, as quebras na sequência de ideias, problemas de concordância e o uso de expressões de apoio, como **né?**, **tá?**, **entendeu?**, **hum...**, etc. Já a língua escrita é mais monitorada, pois temos condições de escolher bem as palavras, de corrigir o texto e melhorá-lo até transmitir exatamente o que desejamos.

Contudo, essas diferenças entre oralidade e escrita têm diminuído bastante, principalmente nos dias de hoje. Primeiramente porque hoje a maior parte dos brasileiros sabe ler e escrever e, quanto mais uma pessoa lê, mais ela tende a empregar formas da língua escrita quando está falando em situações formais. Em segundo lugar porque, com o uso da Internet, as fronteiras entre o oral e o escrito têm se enfraquecido, já que os textos de *e-mails*, *orkut*, *twitter* e *facebook*, embora sejam escritos, aproximam-se bastante da fala.

O português na Ilha da Madeira

O brasileiro que vai à Ilha da Madeira tem a impressão de que ouve um português igual ao falado em Portugal. No entanto, há muitas diferenças entre o português falado na ilha e o falado no continente. Conheça algumas das palavras e expressões madeirenses:

abelhinha: automóvel, táxi

à pata: a pé

canalha: conjunto de crianças

catchu: bola de futebol

fazer ramelas: fazer inveja

joeira: papagaio, pipa

menino: pessoa inteligente, esperta

penca: nariz

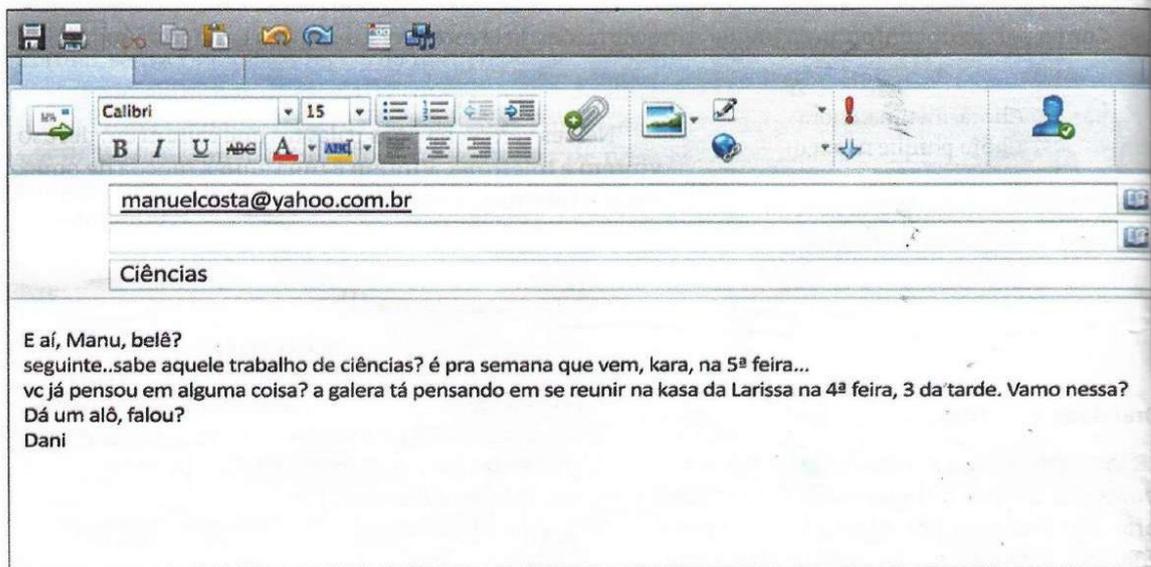


Stuart Forster/Robert Harding/Lainstock
Madeira, ilha da costa africana dominada pelos portugueses desde o século XV, onde se fala o português madeirense.

Anexo 14

Formalidade e informalidade: graus de monitoramento

Às vezes, mesmo sem perceber, falamos em determinadas situações de modo diferente do habitual. Por exemplo, quando falamos em público; quando, em busca de emprego, somos entrevistados; quando conversamos com pessoas mais instruídas do que nós ou com pessoas que ocupam cargo ou posição elevada. Nessas situações, monitoramos mais o que dizemos, evitando gírias, expressões grosseiras e palavras ou expressões que demonstrem intimidade com o interlocutor, como **fofinha, safado, pra caramba, dia de cão, é um saco**, etc., e, por isso, nossa fala se aproxima mais da norma-padrão. Quando isso ocorre, dizemos que a língua apresenta maior grau de formalidade. Quando, entretanto, ela apresenta menor monitoramento, dizemos que a língua é informal. Veja, como exemplo, este *e-mail*:



A informalidade que se nota no *e-mail* se dá em vários níveis. A intimidade que há entre os interlocutores é revelada no emprego de palavras reduzidas, como **Manu, belê, pra, tá**; no uso de gíria, observada em **galera**; e na utilização de grafia própria de textos que circulam na Internet, ocorrida em **kara** e **kasa**.

A gíria

Você já deve ter reparado que alguns grupos sociais — por exemplo, o grupo dos estudantes, o dos jogadores de futebol, o dos policiais, o dos esquetistas, o dos funkeiros, o dos surfistas, etc. — usam na fala certas palavras e expressões que lhes são próprias. Esse tipo de variedade linguística é chamado de **gíria**. Normalmente criada por um grupo social ou profissional, a gíria, por sua expressividade, pode tanto desaparecer rapidamente quanto se estender à linguagem de todas as camadas sociais.

Gírias antigas

Pergunte aos seus pais e a seus avós se eles chegaram a utilizar algumas destas gírias antigas:

bafafá: confusão

bicho: forma de tratamento

boko-moko: pessoa que não sabe se comportar

carango: carro

chuchu beleza: bom, bem-feito

cri-cri: chato

nos trinques: ótimo, certo

plá: conversa

prafrentex: avançado

tá ruço: está ruim

Fonte: Kárin Fusaro. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Panda, 2001. p. 120-3.

Anexo 15

Qual é a sua tribo?

A linguagem revela mais do que pensamentos e sentimentos. Revela também quem somos socialmente, isto é, nossa posição social, nosso grau de escolaridade, nossa timidez ou agressividade, nosso gosto cultural, o grupo ou a tribo de que fazemos parte — enfim, pela linguagem mostramos nossa forma de ser e de ver o mundo. Por isso, a língua que falamos pode tanto nos abrir quanto nos fechar portas socialmente. Na tira abaixo, por exemplo, palavras e expressões como “estamos ligados”, “sól”, “mó feliz”, “10 paus” contribuem para caracterizar as personagens: jovens que se consideram “descolados” e, por isso, incorporam a gíria em sua linguagem cotidiana.



(Angeli. *Sangue bom*. São Paulo: Devir/Jacarandá, 2000, p. 37.)

EXERCÍCIOS

Leia a tira a seguir, de Adão Iturrusgarai, e responda às questões 1 e 2.



(Folha de S. Paulo, 14/3/2012.)

1. A tira satiriza o emprego da “tiponite” e do “gerundismo”.
 - a) O que é “tiponite”?
 - b) Sabendo-se que o sufixo **-ite** é muito empregado em nomes de doença (como **apendicite**, **amigdalite**) e significa “inflamação”, conclua: Qual é a visão do autor da tira a respeito da “tiponite”?
 - c) Que grupos sociais costumam apresentar esse uso na linguagem?
 - d) Dê sua opinião: Empregar a “tiponite” ajuda as pessoas a se identificarem com os colegas e serem aceitas no grupo? Por quê?
2. O “gerundismo” também é um fenômeno que surgiu no português brasileiro há alguns anos.
 - a) Em que consiste esse fenômeno?
 - b) Em que casos o gerúndio pode ser empregado normalmente, sem caracterizar “gerundismo”?
 - c) Como ficaria a fala do último quadrinho, caso a personagem não empregasse nem o “tiponismo” nem o “gerundismo”?

Anexo 16

Leia o anúncio a seguir e responda às questões de 3 a 5.



FAROL **SINAL**

PAULISTANOS E CARIOCAS DE OLHO NO SEU ANÚNCIO.

Na hora de anunciar, converse logo com quem interessa. Anuncie nos cadernos especiais temáticos de *Veja São Paulo* e *Veja Rio*. A mídia que garante um público selecionado, com ambiente editorial qualificado e pontual. Programe-se para o ano todo. Fique de olho no calendário. Aproveite também a grande novidade: o conteúdo on-line está à disposição para você exibir o seu produto.

SÃO PAULO (11) 3037-5748 – RIO (21) 2546-8114 – OUTROS ESTADOS (11) 3037-5578
www.midiakitveja.com.br – publicidade.veja@abril.com.br
www.vejinha.com.br/tematicos – www.veja-rio.com.br/tematicos

3. A respeito do anúncio, responda:
- Quem é o anunciante?
 - Quem são os destinatários do texto?
 - Qual é a finalidade do anúncio?
4. Na parte de baixo do anúncio, em letras menores, lê-se: "Na hora de anunciar, converse logo com quem interessa. Anuncie nos cadernos especiais temáticos de *Veja São Paulo* e *Veja Rio*". Considerando o contexto do anúncio, responda: Por que a imagem principal que se vê nele é a de um semáforo?

Anexo 17

5. Observe que, de cada lado do semáforo, há uma palavra: **farol**, à esquerda, e **sinal**, à direita.
- Considerando a finalidade do anúncio, interprete: Por que o anunciante escolheu essas palavras e as dispôs dessa forma no texto?
 - Em sua cidade, que palavra é usada para designar semáforo?

Salve o pernambucquês e o cearenês!

Conheça algumas das palavras e expressões usadas em Pernambuco e em outras cidades do Nordeste:

aperreio: preocupação, angústia

arenga: pequena briga

bicado: embriagado

bufento: desbotado

danou-se: expressão usada por alguém para indicar espanto ou anunciar que vai embora

fuleiro ou **peba**: fraco, sem valor, sem qualidade

liso: pobre ou em dificuldades financeiras

mangar: rir de alguém ou de algo

mói: grande quantidade

munganga: careta

oxe: expressão usada para indicar espanto

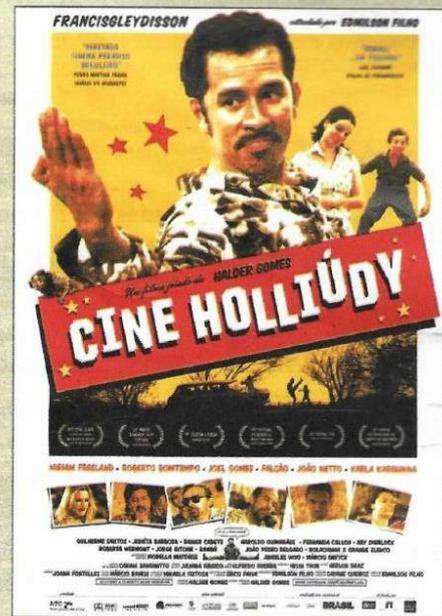
pantim: vergonha ou frescura

rabissaca: gesto de desdém, de dar as costas

renca: grupo de pessoas

virado na catita: alguém rápido

xexero: caloteiro, que não paga as contas



Cartaz do filme *Cine Holliúdy*, de Halder Gomes, o primeiro filme brasileiro falado em cearenês, com legendas em português.

AS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO

Leia esta anedota:

O gerente de vendas recebeu o seguinte fax de um dos seus novos vendedores: 'Seo Gomis o criente de Belzonte pediu mais cuatrucenta pessa. Faz favor toma as providenssa, Abrasso, Nirso.' Aproximadamente uma hora depois, recebeu outro: 'Seo Gomis, os relatório di venda vai xega atrazado proque to fexando umas venda. Temo que manda treis miu pessa. Amanhã tô xegando. Abrasso, Nirso.' No dia seguinte: 'Seo Gomis, num xeguei pucausa de que vendi maiz deis miu em Beraba. To indo pra Brazilha. Abrasso, Nirso.' No outro: 'Seo Gomis, Brazilha fexo 20 miu. Vo pra Frolinoplis e de lá pra Sum Paulo no vinhão das cete hora. Abrasso, Nirso.' E assim foi o mês in-



Anexo 18

teiro. O gerente, muito preocupado com a imagem da empresa, levou ao presidente as mensagens que recebeu do vendedor. O presidente, um homem muito preocupado com o desenvolvimento da empresa e com a cultura dos funcionários, escutou atentamente o gerente e disse: – Deixa comigo, que eu tomarei as providências necessárias. E tomou. Redigiu de próprio punho um aviso e afixou no mural da empresa, juntamente com as mensagens de fax do vendedor: 'A parti de oje nois tudo vamo fazê feito o Nirso. Si priocupá menos em iscrevê serto, mod vendê maiz. Acinado, O Prizidenti.'

(Disponível em: <http://m.piadasnet.com/?url=http%3A%2F%2Fwww.piadasnet.com%2Fpiadas-de-caipiras.htm#2776>. Acesso em: 15/07/2013.)

1. Releia as mensagens passadas por fax pelo novo funcionário:

- 'Seo Gomis o criente de Belzontê pediu mais quatrocenta pessa. Faz favor toma as providenssa, Abrasso, Nirso.'
- 'Seo Gomis, os relatório di venda vai xega atrasado proque to fexando umas venda. Temo que manda treis miu pessa. Amanhã tô xegando. Abrasso, Nirso.'
- 'Seo Gomis, num xeguei pucausa de que vendi maiz deis miu em Beraba. To indo pra Brazilha. Abrasso, Nirso.'
- 'Seo Gomis, Brazilha fexo 20 miu. Vo pra Frolinoplis e de lá pra Sum Paulo no vinhão das cete hora. Abrasso, Nirso.'

- a) Essas mensagens correspondem ao padrão de linguagem que se espera na comunicação interna, em uma empresa, entre um subordinado e seu superior? Se não, o que foge a esse padrão?
- b) A escrita do novo funcionário não segue regras gramaticais ou segue regras diferentes das da norma-padrão? Justifique sua resposta.
- c) Caso alguém fizesse uma revisão no texto das mensagens do funcionário a fim de adequá-las à norma-padrão, como elas ficariam? Escolha uma das mensagens e faça as alterações que julgar necessárias para isso.

2. O gerente ficou preocupado com a imagem da empresa ao ler as mensagens e, por isso, levou-as até o presidente. Levante hipóteses:

- a) Por que o gerente ficou preocupado?
- b) Levando-se em conta as vendas realizadas pelo funcionário, a preocupação do gerente se justificava?

3. O presidente, após a conversa com o gerente, disse que tomaria "as providências necessárias". Quais providências eram provavelmente as esperadas pelo gerente?

4. O humor do texto é construído com base na quebra da expectativa do leitor quanto à atitude do presidente. Qual é essa quebra de expectativa?

5. Nas piadas, o efeito do humor geralmente é obtido por meio da exploração de crenças e preconceitos. No caso da anedota lida, qual é essa crença e/ou preconceito?

6. Na sua opinião, o procedimento do presidente foi correto? Justifique sua resposta.